

Fiscalização e ética na Fonoaudiologia em debate



- CFFa continua articulação para aprovação do PL 30 horas para Fonoaudiologia

- Fonoaudióloga participa de pesquisa inovadora na área de demência, na Irlanda

● Editorial	03	● Entrevista	
● A Voz dos Crefonos		Fonoaudióloga Bárbara Costa fala sobre pesquisa inovadora em demência	40
● Crefono 1		● Capa	
CRFa 1ª Região publica Revista Digital Acadêmica	04	Fiscalização e ética na Fonoaudiologia em debate	45
Crefono 2		● Fono na Política	
Evento discute Fonoaudiologia na Saúde Pública do estado de SP.....	08	CFFa continua articulação para aprovação do PL 30 horas para Fonoaudiologia.....	50
Fórum discute atuação do Fonoaudiólogo em Otoneurologia		Valorização profissional	53
Fonoaudiologia na Educação em debate.....	12	● Educação	
Crefono 3		Sistema de Conselhos na Bett Educar	56
Autismo e a Fonoaudiologia	17	CRFa 2ª Região realiza V Mostra de Fonoaudiologia em Linguagem	
IX Congresso de Fonoaudiologia Hospitalar discute inovações tecnológicas	20	● Fique de Olho	
Crefono 4		Confira agenda dos principais eventos da Fonoaudiologia	60
Musicoterapia na (re)habilitação de Deficientes Auditivos	22	● Por dentro da Profissão	
Crefono 5		Dermatoglifia: Medidores nas pontas dis dedos	62
Porto Velho recebe Conselho Itinerante	26	Fonoaudiologia assistida por cães estimula mente, corpo e emoções	66
Crefono 6		● Saúde	
Fóruns discutem a atuação dos fonoaudiólogos na 6ª Região.....	31	Primeira cirurgia de prótese auditiva ancorada ao osso é realizada no Maranhão ..	70
Crefono 7		Fonoaudiologia estética aliada à qualidade de vida	73
CRFa 7ª Região auxilia defensoria pública do RS a requerer mais fonoaudiólogos nas políticas públicas no interior do estado	34		
Crefono 8			
Parceria entre cursos de fonoaudiologia e odontologia prepara estudantes para o mercado de trabalho	36		

Edição nº 73 trata de assuntos inéditos na Fonoaudiologia

Estes últimos meses foram muito movimentados para o Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia. Na editoria a Voz dos Crefonos temos um panorama de todas as ações regionais. O CRFa 2ª Região, por exemplo, organizou vários eventos, um deles foi o “I Fórum: atuação fonoaudiológica em Otoneurologia – avaliação vestibular”, que teve como objetivo discutir a bateria de testes do exame vestibular e o laudo otoneurológico; e “VI Mostra de Linguagem Escrita e II Fórum de Fonoaudiologia na Educação”, com apresentação de trabalhos e roda de conversa sobre o assunto. O CRFa 5ª Região realizou uma ação que tem se tornado frequente no Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia que é o “Conselho Itinerante”. Esta foi a vez de Porto Velho receber os representantes do Conselho para participar de palestras e tirar dúvidas, uma ação que com certeza tem tido muito sucesso no Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia.

O Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia participou também da Feira de Exposições Bett Educar, evento que reúne práticas e tecnologias para propiciar o desenvolvimento dos educadores, maximizando a aprendizagem dos alunos. Além disso o CRFa 2ª Região esteve entre os palestrantes do Congresso Bett Educar, com a palestra do conselheiro Jason Gomes.

Um dos eventos mais significativos dos últimos meses foi o “VI Encontro Nacional de Fiscalização e I Simpósio de Orientação e Fiscalização do Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia”, que reuniu aproximadamente 50 profissionais entre conselheiros, agentes fiscais e assessores jurídicos do Sistema de Conselhos. Este Encontro é de grande valia para o Sistema de Conselhos, para os profissionais da fonoaudiologia e para a população em geral pois discute aspectos importantes relacionados à Fiscalização do exercício profissional e da Ética na fonoaudiologia.

Além dos eventos, a edição nº73 da Revista Comunicar traz uma entrevista com a fonoaudióloga Bárbara Costa Beber, de Porto Alegre, que participa do programa de pesquisa sobre demência em Dublin, na Irlanda. Na editoria de Fonoaudiologia na Política temos uma matéria que exemplifica quais são as etapas para aprovação de um Projeto de Lei. Temos também outros assuntos inéditos na área da fonoaudiologia como “Dermatoglia: Medidores nas pontas dos dedos” e “Fonoaudiologia assistida por cães”.

Aproveitem e boa leitura!





CRFa 1ª Região publica Revista Digital Acadêmica para incentivar produção científica no Rio de Janeiro

Rose Maria - repórter

O Conselho Regional de Fonoaudiologia do Rio lançou sua Revista Digital Acadêmica, que já caminha para a terceira edição. Publicação eletrônica semestral, com edições disponíveis no site www.crefono1.gov.br em abril e outubro, a revista reúne artigos e relatos de caso, preferencialmente inéditos e originais, produzidos pelos formandos de Fonoaudiologia. A Comissão de Ensino do CREFa 1ª Região, que coordena o projeto, recebe novos artigos para análise até 20 de setembro, para a próxima edição.

“Queremos contribuir para a construção do pensamento crítico-científico de nossos jovens no panorama educacional e profissional brasileiro. Nossa ideia é dar visibilidade à produção científica

desses futuros profissionais, enaltecer tanto o trabalho dos alunos como também dos professores de nossas instituições de ensino e incentivar trabalhos científicos em Fonoaudiologia, porque ainda produzimos muito pouco saber científico no país”, afirmou a presidente da Comissão de Ensino do CREFONO1, Maria Esther de Araújo (CRFa 1- 8177).

A Revista Digital Acadêmica atende também metas do 11º Colegiado, que são o fortalecimento de ações de cidadania, buscando informar e conscientizar a população do saber e do fazer fonoaudiológico e a promoção de parceria com as Instituições de Ensino Superior. Assim, os artigos são encaminhados pelos coordenadores dos cursos de Fonoaudiologia do Rio de Janeiro pelo endereço comissaodeensino@crefono1.gov.

br e são analisados pelo Conselho Editorial. “Nosso compromisso é divulgar a produção do conhecimento, salientando que o teor dos artigos exprime a produção mais recente de seus pesquisadores”, completou Esther de Araújo.

Para a coordenadora do curso de Fonoaudiologia da Universidade Veiga de Almeida (UVA), Rita Leniza (CRFa1-8832), ter um canal aberto para as publicações do curso no Conselho Regional, com um olhar diferenciado para o aluno de último ano ou recém formado, é um grande incentivo e estímulo ao corpo discente e docente. Os trabalhos tornam-se públicos e acessíveis, fortalecendo a importância da atuação fonoaudiológica para a sociedade.

“Estou como coordenadora do Curso de Fonoaudiologia da UVA desde 2011 e junto com o corpo docente, a cada ano, melhoramos nossos trabalhos de conclusão de curso, no ensejo

de que não seja apenas um rito a ser cumprido, mas um momento de aprendizagem e investigação científica. A pesquisa científica faz parte da formação acadêmica e é motivo de grande orgulho e satisfação ter os trabalhos de nossos alunos publicados pelo nos-

so Conselho”, disse Rita Leniza.

A coordenadora do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Estácio de Sá, Ana Maria Godoi (CRFa 1-2916) concorda com Rita Leniza e considera a pesquisa um dos pilares fundamentais na formação do futuro profissional, que deverá estar sempre preocupado com o seu aprimoramento em Fonoaudiologia. “Durante a graduação, incentivamos nossos

alunos a buscar novos conhecimentos, garantindo, desta forma, um excelente e consciente exercício da profissão que escolheram. Com o surgimento da Revista Digital Acadêmica CREFONO1, nossos alunos poderão ampliar a divulgação de suas produções científicas e adquirir mais conhecimento com os diversos te-

“



Queremos contribuir para a construção do pensamento crítico-científico de nossos jovens no panorama educacional e profissional brasileiro.” - Maria Ester Araújo

Arquivo pessoal



“É motivo de grande orgulho e satisfação ter os trabalhos de nossos alunos publicados pelo nosso Conselho.” - Rita Leniza

mas abordados. Incentivar a pesquisa no corpo discente garantirá o surgimento de um pesquisador durante toda a sua caminhada profissional”, espera Ana Godoi.

A estudante de Fonoaudiologia da UVA Tuane Carvalho, que publicou um estudo sobre o “Uso da Eletroestimulação Neuromuscular no Tratamento das Disfagias Orofaríngeas”, na edição nº 2 da Revista, com orientação da professora Viviane Marques (CRFa 1-10022), reconhece que a publicação de um artigo é muito importante na vida de qualquer profissional e, na dela, futura fonoaudióloga, isso não foi diferente.

“Sinto-me realizada, não apenas pela publicação. O processo de pesquisa foi algo que contribuiu bastante para a minha formação, me proporcionando mais conhecimento e me aproximando mais da área na qual pretendo atuar”, admitiu. E foi além: “Espero que essa pesquisa não faça a diferença só na minha vida, mas que corrobore de maneira significativa na vida de outros profissionais, complementando seu conhecimento para que possam atuar de forma eficaz na terapia de seus clientes e propiciando, através da terapia fonoaudiológica, qualidade de vida”, completou Tuane.

A coordenadora do curso de Fonoaudiologia da Faculdade Redentor, no interior do estado, Carolina de Freitas do Carmo (CRFa 1-3347-6), também apoia a iniciativa. “A criação da Revista Digital Acadêmica CREFONO1 favoreceu os jovens pesquisadores, que podem fazer circular e tornar visíveis os resultados dos seus trabalhos, assim como a Fonoaudiologia, por tornar disponíveis trabalhos de qualidade, devido ao rigor no critério do Conselho Regional ao avaliar os artigos submetidos para publicação. A iniciativa permitiu aos estudantes verem o resultado do seu esforço acadêmico ao produzir um artigo científico, valorizado e reconhecido por órgão de representatividade da profissão”, opinou Carolina de Freitas.

A presidente da Comissão de Ensino do CRFa 1ª Região informou que a Revista Digital Acadêmica CREFONO1 vem buscando registro para maior validação de suas publicações. “Isso não impede que os artigos sejam enviados. Tenho recebido relatos dos coordenadores de que seus alunos estão mais motivados e nosso objetivo é estimulá-los cada vez mais à produção científica”, ressaltou Esther de Araújo.

As normas para envio de artigos, relatos de caso ou artigo de revisão, bem como o modelo para envio de contribuições estão disponíveis em <http://crefono1.gov.br/revista-digital-academica-crefono1/>.

Afinal, todos os formandos em Fonoaudiologia podem se sentir como Isabela Rodrigues Cabral, acadêmica da UVA que, juntamente com seu grupo de trabalho, sob orientação da fonoaudióloga Karla Vasconcelos (CRFa 1-9640), teve seu artigo sobre “Reabilitação Vestibular como Ferramenta na Mudança do Equilíbrio em Idosos” publicado na 2ª edição da Revista. Para Isabela Cabral, ver seu artigo publicado trouxe uma sensação de “dever cumprido”. “Depois de todo o esforço, pesquisa e orientação, ter esse reconhecimento é maravilhoso. É muito importante um profissional produzir sempre, para contribuir com o meio acadêmico e gerar visibilidade para sua carreira”, acredita Isabela. ■



"A iniciativa permitiu aos estudantes verem o resultado do seu esforço acadêmico valorizado e reconhecido." - Carolina de Freitas



"Incentivar a pesquisa no corpo discente garantirá o surgimento de um pesquisador durante toda a sua caminhada profissional" - Ana Godoi

Evento discute Fonoaudiologia na Saúde Pública do Estado de São Paulo



Evento aconteceu em maio de 2017, no interior do estado

Comissão de Saúde CRFa 2ª Região Cibele Siqueira CRFa 2 -6198

Cumprindo o objetivo de levar as discussões sobre as ações dos fonoaudiólogos para as diversas regiões do estado de São Paulo, o 11º colegiado

do CRFa 2ª Região realizou a V Mostra de Fonoaudiologia na Saúde Pública do Estado de São Paulo e o I Fórum sobre a atuação fonoaudiológica no SUS: desafios e propostas, na cidade de Campinas.

O evento ocorreu no dia 16 de maio, em parceria com o Curso de Fonoaudiologia da PUC-Campinas, e reuniu mais de 170 participantes, entre docentes, graduandos e profissionais. “A forte adesão ao evento demonstrou a importância da promoção de espaços com exposição e debates sobre a atuação do fonoaudiólogo no SUS, assim como a demanda de atividades do Conselho no interior do estado”, afirma Elaine Herrero (CRFa 2-1198), Presidente da Comissão de Saúde do CReFa 2ª Região.

Foram inscritos 44 trabalhos para a V Mostra que contemplavam todos os níveis de atenção, entre eles cinco foram apresentados oralmente e 36 expostos no formato pôster.



Acesse os trabalhos aqui

A diversidade e a qualidade dos trabalhos, bem como a expressiva participação do público, surpreenderam a comissão organizadora. Foram vários depoimentos de ações exitosas, bem como relatos de dificuldades e entraves que precisam da mobilização da categoria para promoção de mudanças nas práticas coletivas.

No Fórum, destacou-se, nas apre-

sentações dos representantes institucionais e nos debates com o público, a importância da integração de ações envolvendo Instituições de Ensino Superior, Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa), Conselho de Classe (CRFa), e gestão no SUS.

“A lógica do trabalho coletivo, a partir das diretrizes da política pública, demanda formação profissional e olhar diferenciado sobre as necessidades de saúde da população para legitimação das práticas fonoaudiológicas em serviço. O fonoaudiólogo tem um papel fundamental na integralidade da assistência. O desafio é ter instrumentos para realizar o dimensionamento dessa assistência. Uma das propostas levantadas durante o fórum foi a discussão de indicadores”, argumenta Cristiana Lykouropoulos (CRFa 2-5829), conselheira e moderadora do I Fórum.

Na V Mostra, o CReFa 2ª Região reafirmou o seu compromisso em dar continuidade aos debates em outras cidades do estado, de maneira a agregar cada vez mais o trabalho do fonoaudiólogo em prol da Saúde Pública, e fortalecer as articulações possíveis entre os diferentes atores – Instituições de Ensino Superior, Sociedade Científica, Conselho de Classe e gestão.

Confira alguns dos pontos discutidos no evento e que evidenciam um processo de qualificação da Fonoaudiologia no SUS:

- Criação de novos dispositivos clínicos, com abordagem em espaços sociais, numa visão ampliada de comunicação nos cenários de vida;
- Desenvolvimento de práticas interdisciplinares alinhadas por objetivos comuns de cuidado integrado aos usuários, que vão além da “avaliação e tratamento de distúrbios da comunicação”;
- Atuação fonoaudiológica em pontos de atenção à saúde mental, sob o desafio de integração entre “núcleo” e “campo” na composição do trabalho em equipe;
- Revisão de conceitos sobre deficiência e participação social na gestão dos recursos para atenção às demandas da população;
- Atitude pró-ativa na conquista de espaço e legitimação das práticas de cuidado paliativo na atenção hospitalar.



Raíza Rocha

Foram vários depoimentos exitosos e relatos de dificuldades que precisam da mobilização da categoria



Raíza Rocha

Foram inscritos 44 trabalhos para a V Mostra que contemplavam todos os níveis de atenção

Histórico do evento

O Conselho Regional de Fonoaudiologia 2ª Região promoveu a I Mostra de Fonoaudiologia na Atenção Básica em 2009. O evento teve como objetivo conhecer e dialogar com as diversas experiências que vinham sendo desenvolvidas pelos fonoaudiólogos nesse nível de atenção. Em 2010, mais uma edição do evento foi realizada, a partir das sugestões recebidas, foi integrado à Mostra o I Encontro de Fonoaudiologia na Saúde Pública do Estado de São Paulo. A novidade buscou contemplar

a participação dos fonoaudiólogos que atuavam na saúde pública em todos os níveis de atenção.

Após um período de lacuna, em 2017, o 11º colegiado do CRFa 2ª Região retomou o projeto trazendo mais uma novidade: o I Fórum sobre a atuação fonoaudiológica no SUS: desafios e propostas, com o objetivo de divulgar e debater as experiências dos fonoaudiólogos na rede de atenção do SUS (atenção básica, especializada e alta complexidade). ■



Raíza Rocha

O CRFa 2ª Região se comprometeu em dar continuidade aos debates em outras cidades do estado



Raíza Rocha

A qualidade dos trabalhos e a expressiva participação do público surpreenderam a comissão organizadora

Fórum discute a atuação do Fo

Raíza Rocha - repórter

Representantes do Conselho Regional de Fonoaudiologia 2ª Região, docentes de cursos de graduação em Fonoaudiologia do Estado de São Paulo e fonoaudiólogos que atuam na área de avaliação e reabilitação vestibular reuniram-se, no dia 25 de maio, no auditório da Santa Casa, para discutir a bateria de testes do exame vestibular e o laudo otoneurológico. Cerca de 50 profissionais participaram do I Fórum: atuação fonoaudiológica em Otoneurologia – Avaliação Vestibular, promovido pelo CRFa 2ª Região com o apoio da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

A partir da discussão instigada pela mesa “A bateria de testes da avaliação otoneurológica”, foi levantada a necessidade de estabelecer-se uma bateria mínima de testes a ser utilizada pelo fonoaudiólogo para avaliar a função vestibular. Discutiu-se ainda a ausência de padrões de referência dos equipamentos, principalmente, dos otocalorímetros utilizados para realização do exame, e a importância de ações voltadas para padronização.



Mesa de
abertura

Fonoaudiólogo na Otoneurologia



Raíza Rocha

Cerca de 50 profissionais participaram do I Fórum: Atuação Fonoaudiológica em Otoneurologia – Avaliação Vestibular



Raíza Rocha

Os debates também levaram em consideração [os dados do perfil](#), realizado pelo Conselho, em outubro de 2016, com 144 profissionais, na sua maioria com mais de 10 anos de atuação em Otoneurologia, a exemplo das principais dificuldades vivenciadas nessa área de atuação: ausência de padrão quanto ao laudo e à bateria de testes dos exames; remuneração não compatível com o tempo empregado para realizar o exame; desconhecimento dos profissionais da área da saúde para efetivo encaminhamento de casos; divulgação reduzida da atuação fonoaudiológica na área; formação deficiente durante a graduação e oferta reduzida de cursos de especialização.

Como resultado do I Fórum, o CRFa 2ª Região irá publicar um documento para indicar a bateria mínima de testes do exame vestibular e promoverá novo encontro para discussão do laudo otoneurológico no segundo semestre de 2017. ■

Fonoaudiologia na Educação em debate



O evento reuniu fonoaudiólogos, educadores e estudantes de 15 cidades de São Paulo

Raíza Rocha - repórter

Refletir sobre a atuação do fonoaudiólogo nos diversos espaços educacionais, públicos e privados, foi o objetivo da VI Mostra de Linguagem Escrita e II Fórum de Fonoaudiologia na Educação, promovido pelo Conselho Regional de Fonoaudiologia de São Paulo com o apoio da Universidade Estadual Paulista.

O evento ocorreu no Campus II da

UNESP, em Marília (SP), no dia 22 de junho, e reuniu fonoaudiólogos, educadores e estudantes de 15 cidades do estado, inclusive, uma profissional que veio de Olinda, Pernambuco, exclusivamente para participar dessa atividade.

A VI Mostra ocorreu no período da manhã, e foi o espaço no qual os profissionais apresentaram seus trabalhos e relataram suas experiências na atua-

ção em Linguagem Escrita. Foram duas apresentações orais e quatro pôsteres expostos. Após o intervalo, foi organizada uma roda de conversas com debates sobre os temas apresentados como, por exemplo, a formação atual de coordenadores pedagógicos na educação infantil com enfoque em linguagem; percepção dos professores sobre o diagnóstico da dislexia e seus efeitos em crianças na sala de aula; experiências de estágio em instituições educacionais como diferencial na formação do estudante de Fonoaudiologia; e a proposta de game, com o objetivo de estimular a aquisição de conceitos fundamentais para leitura e fluência na alfabetização (Acesse os links dos resumos dos trabalhos no final da matéria).

No período da tarde, ocorreu a mesa “Interloquções entre Fonoaudiologia e Educação” do II Fórum, no qual pesquisadores e especialistas abordaram os principais desafios da atuação fonoaudiológica na Educação. “Devemos levar o conhecimento da Fonoaudiologia para a Educação com o objetivo de promover a qualidade de vida e, assim, fortalecer a aprendizagem plena”, afirmou Aline Costa, Doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos. A Doutora em Educação pela Faculdade de Filosofia e



Profissionais apresentaram seus trabalhos e relataram suas experiências



Mesa: Interloquções entre Fonoaudiologia e Educação



É compromisso do 11º Colegiado levar discussões para as diversas regiões do estado

Ciências da UNESP, Rosimar Bortolini, também vê com bons olhos a relação entre a Fonoaudiologia e a Educação. Segundo ela, essa relação é fundamental para garantir uma Educação Inclusiva, ou seja, em que todos tenham as mesmas oportunidades de aprender.

Ao discutir o processo de acompanhamento da aprendizagem da escrita, o Doutor em Linguística, Lourenço Chacon, alertou para a necessidade de aprimorar o olhar sobre o erro. “O que é erro na escrita? Por que há um destaque maior ao erro? O erro não é sinônimo de não acerto. Ele pode ser um elemento revelador do processo de aprender”, argumentou.

Conselho Ativo

A realização do evento no interior de São Paulo é compromisso do 11º Colegia-

do do CRFa 2ª Região de levar discussões sobre a atuação dos fonoaudiólogos para as diversas regiões do estado. Segundo a representante da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, a fonoaudióloga Dra. Gisele Donadon (CRFa 2-16126), que esteve presente na Mesa de Abertura, “ações como essa não só fortalecem a profissão, como também colocam as práticas educacionais em discussão”.

“Destaco a iniciativa do Conselho de aproximar o órgão colegiado e a Universidade. Acredito que vivemos um momento oportuno para discutir tanto as questões de formação quanto de atuação profissional”, complementou Claudia Giroto, professora e Fonoaudióloga do departamento de Educação Especial da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP de Marília.

Resumos dos Trabalhos apresentados na VI Mostra

- Fonoaudiologia e Educação Infantil: uma proposta de formação a coordenadores pedagógicos com enfoque em Linguagem ([clique aqui](#)).
- Percepção dos professores acerca dos sinais e sintomas da dislexia em crianças na sala de aula. ([clique aqui](#)).
- Estimulação de Linguagem com famílias de baixo nível socioeconômico. ([clique aqui](#)).
- Game de Alfabetização: Foco X Cuca Fresca. ([clique aqui](#)).
- Ensino, Serviço e Comunidade: o estágio supervisionado da graduação em Fonoaudiologia nas escolas de ensino infantil e fundamental. ([clique aqui](#)).
- Estudo de caso: intervenção fonoaudiológica na dislexia por meio de figuras. ([clique aqui](#)).

Autismo e a fonoaudiologia

Em Curitiba, atendimentos seguem diretrizes do SUS. Além do paciente com autismo, o tratamento é estendido para toda a família



Gheysa Padilha - repórter

Dificuldade em interagir e se comunicar com outras pessoas. Esses são aspectos que, se observados, principalmente, nos três primeiros anos de vida de uma criança, podem estar ligados ao autis-

mo, transtorno de desenvolvimento, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V). Hoje, de acordo com o levantamento da Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 1% da população mundial – ou

uma em cada 68 crianças – apresenta algum Transtorno do Espectro Autista (TEA).

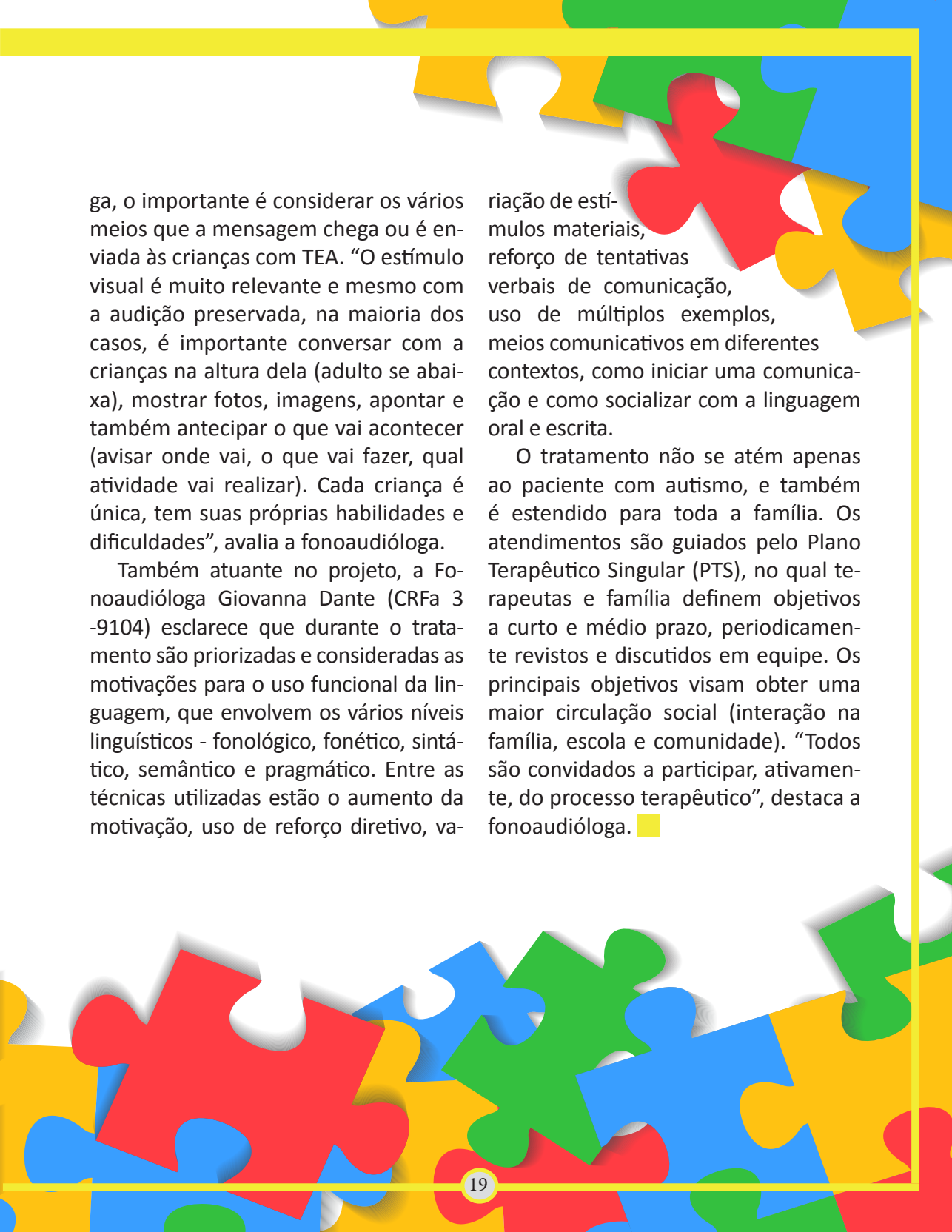
Na Capital do Paraná, Curitiba, a prefeitura acompanha, atualmente, cerca de 280 crianças e adolescentes em atendimento multiprofissional. No Ambulatório Encantar, direcionado ao tratamento, apoio e reabilitação, são atendidos 163 pacientes, com idades entre 0 e 17 anos, que passaram por uma avaliação e foram encaminhados ao Plano Terapêutico Singular (PTS).

Além do acompanhamento com neurologistas, psicólogos, terapeutas ocupacionais, as crianças e adolescentes são atendidos por fonoaudiólogos, que atuam na investigação e no desenvolvimento e aprimoramento da linguagem oral e escrita, identificando as necessidades em cada fase do desenvolvimento infantil. “O diagnóstico

e intervenção precoces são fundamentais para proporcionar melhores resultados e qualidade de vida”, explica a Fonoaudióloga do Ambulatório Encantar, Nancy Yoshii (CRFa 3 -6143).

As sessões são periódicas e o atendimento segue o formato ambulatorial, com duração de 40 a 50 minutos, individual com a criança e/ou com a família. As fonoaudiólogas participam das triagens, fazem suas avaliações e relatórios de acompanhamento. “Ao atender crianças menores, verificamos o que chama mais a sua atenção, e, a partir do seu interesse, propomos iniciar uma interação. Procuramos incentivar a troca de olhares, a repetição de brincadeiras, sorrisos e vocalizações, por exemplo”, conta Nancy, ao explicar que após as primeiras sessões são introduzidas outras estratégias ou situações de comunicação mais aprimoradas.

Ainda de acordo com a fonoaudiólo-



ga, o importante é considerar os vários meios que a mensagem chega ou é enviada às crianças com TEA. “O estímulo visual é muito relevante e mesmo com a audição preservada, na maioria dos casos, é importante conversar com a crianças na altura dela (adulto se abaixa), mostrar fotos, imagens, apontar e também antecipar o que vai acontecer (avisar onde vai, o que vai fazer, qual atividade vai realizar). Cada criança é única, tem suas próprias habilidades e dificuldades”, avalia a fonoaudióloga.

Também atuante no projeto, a Fonoaudióloga Giovanna Dante (CRFa 3-9104) esclarece que durante o tratamento são priorizadas e consideradas as motivações para o uso funcional da linguagem, que envolvem os vários níveis linguísticos - fonológico, fonético, sintático, semântico e pragmático. Entre as técnicas utilizadas estão o aumento da motivação, uso de reforço diretivo, va-

riação de estímulos materiais, reforço de tentativas verbais de comunicação, uso de múltiplos exemplos, meios comunicativos em diferentes contextos, como iniciar uma comunicação e como socializar com a linguagem oral e escrita.

O tratamento não se atém apenas ao paciente com autismo, e também é estendido para toda a família. Os atendimentos são guiados pelo Plano Terapêutico Singular (PTS), no qual terapeutas e família definem objetivos a curto e médio prazo, periodicamente revistos e discutidos em equipe. Os principais objetivos visam obter uma maior circulação social (interação na família, escola e comunidade). “Todos são convidados a participar, ativamente, do processo terapêutico”, destaca a fonoaudióloga. ■

Hospitalar discute inovações tecnológicas

participantes e profissionais ligados a fonoaudiologia hospitalar



Divulgação

Mestrado e Doutorado em Distúrbios da Comunicação da Presidente do Crefono3, Francisco Pletsch, a Fonoaudióloga Rosane Ferreira Santos e a Pro-Reitora de Pós-graduação da UFPA.

nismo produzidas por uma infecção). O Robô Laura foi desenvolvido usando tecnologia cognitiva, ou seja, ele é capaz de aprender, encontrar falhas operacionais e informar as pessoas responsáveis a tempo de poder poupar tempo, recursos e até vidas.

Sua implantação permite monitorar a realização de todos os Testes da Ore-

linha realizados pelo serviço de Fonoaudiologia do Hospital Nossa Senhora das Graças (HNSG), alertando todos os procedimentos que ainda não foram realizados e precisam ser finalizados para alta. O sistema é uma forma de gerenciar os bebês de risco. “Recebemos mensagens em nosso celular do Robô Laura informando o leito, paciente e procedimento que precisa ser realizado”, ressalta Rosane.

Na UTI adulto, o monitoramento das infecções pulmonares possui marcadores de rastreio e gerenciamento, que contam com a detecção de sinais de risco para disfagia (distúrbio na deglutição) e solicitam o atendimento especializado do Fonoaudiólogo, reduzindo assim os riscos para Pneumonias Broncoaspirativas.

Entre os palestrantes convidados - Rodrigo Toba, da Universidade do Chile, falou sobre o "Protocolo de Avaliação da Deglutição em unidade de terapia intensiva para adultos", e Roberta Gonçalves (CRFa 3 -6194), uma das maiores pesquisadoras científicas do Brasil em Disfagia.

10 anos - Em 2018, o congresso nacional completa dez anos. A décima edição acontecerá em Belo Horizonte, em maio, com data e local a confirmar. ■

Musicoterapia na (re)habilitação de Deficientes Auditivos

Há três anos, projeto desenvolvido no Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Sergipe utiliza esse recurso terapêutico

Maurício Junior - repórter

Há 20 anos, a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomendou a inserção da musicoterapia com viés pedagógico e terapêutico. A técnica se popularizou no tratamento de insônia, parkinson, doenças como fibromialgia, reumatismo, esclerose múltipla, depressão, entre outras patologias.

Na Fonoaudiologia, a musicoterapia atua em transtornos vocais e da fala. No entanto, a utilização da música na reabilitação de deficientes auditivos é mais um recurso terapêutico que está sendo utilizado pela Fonoaudiologia.

Um exemplo dessa experiência vem ocorrendo no Laboratório de Audição e Equilíbrio (LAE) da Universidade Federal de Sergipe - Campus Lagarto (UFS). O projeto de pesquisa e



Laboratório de Audição e Equilíbrio (LAE) reúne pacientes que necessitam de Reabilitação Auditiva e Vestibular

extensão é desenvolvido e coordenado pela educadora musical, fonoaudióloga e professora de Audiologia da UFS, Scheila Paiva (CRFa 4-7967-6).

O espaço, criado em 2014, reúne pacientes que necessitam de reabilitação auditiva. Na proposta, são utilizadas técnicas de musicoterapia e atividades com base nos métodos ativos em música, para que sejam desenvolvidas tanto habilidades linguísticas quanto sociais, motoras e auditivas. As sessões são planejadas de forma inte-

grada, uma vez que existe uma equipe multiprofissional. E, devido ao perfil dos pacientes – crianças com deficiência auditiva – a Fonoaudiologia norteia todo o processo.

“O fonoaudiólogo, quando qualificado para utilização da música e de seus elementos no trabalho terapêutico com o deficiente auditivo, amplia de forma significativa as possibilidades de estimulação e, conseqüentemente, o sucesso para as tarefas cotidianas”, disse.

O trabalho desenvolvido no LAE pro-



Método amplia de forma significativa as possibilidades de estimulação e, conseqüentemente, o sucesso para as tarefas cotidianas dos deficientes auditivos

move o desenvolvimento dos pacientes, principalmente, nos aspectos – o terapêutico e o social. No terapêutico, o desenvolvimento das habilidades auditivas é voltada à percepção dos elementos musicais diretamente relacionados com a compreensão da fala, que é o objetivo principal do processo de (re)habilitação auditiva com os pacientes usuários de aparelho de amplificação sonora individual (AASI) e implante coclear (IC). O desenvolvimento

no campo social está nas atividades em grupo, que promovem a interação de forma lúdica, sendo possível a identificação entre crianças que se encontram na mesma situação.

A junção do social com o terapêutico possibilita ao fonoaudiólogo propiciar a automatização dos elementos trabalhados. “É possível conseguir ouvir outra pessoa falando ou cantando ao mesmo tempo em que se percebe, os sons dos instrumentos musicais ou



Projeto conta com a participação de fonoaudiólogos voluntários, alunos dos cursos de Fonoaudiologia, Música, Medicina e Terapia Ocupacional

outras vozes. Conseguir diferenciar e imitar os sons dos instrumentos e os movimentos melódicos executados pelos mesmos”, exemplificou Scheila.

O Laboratório de Audição e Equilíbrio também atende a pacientes que necessitam de Reabilitação Vestibular e conta com a participação de fonoaudiólogos voluntários, alunos dos cursos de Fonoaudiologia, Música, Medicina e Terapia Ocupacional.

Além da UFS, as atividades também acontecem no Centro Municipal de Especialidades do Município através de uma parceria entre a instituição de ensino superior e a Secretaria de Saúde de Lagarto. ■

Porto Velho recebe Conselho Itinerante

Profissionais e estudantes puderam receber informações, participar de palestras, tirar dúvidas e regularizar pendências junto ao Conselho Regional de Fonoaudiologia - 5ª Região. Ação obteve resultados satisfatórios e outras edições já estão no calendário da autarquia

Divulgação



Conselheiros visitaram o curso de Fonoaudiologia da Faculdades Integradas Aparício Carvalho (FIM-CA), e se reuniram com a coordenadora do curso de Fonoaudiologia, Daione Carvalho Oliveira

Suzana Campos - repórter

O Conselho Regional de Fonoaudiologia - 5ª Região, levou para a capital de Rondônia (RO), mais uma edição do projeto 'Conselho Itinerante'. Ações como palestras, visitas a hospitais e reuniões com parlamentares compuseram a programação, que leva à categoria do estado informações e orientações profissionais, além de ouvir sugestões e esclarecer dúvidas.

O Conselho Itinerante aconteceu na primeira quinzena de junho, nos dias 07, 08 e 09/06, e contou com o envolvimento dos conselheiros Danilo Mantovani, Neyla Arroyo Lara Mourão, Virgínia

Braz da Silva e da fiscal Ameliana Silva. No primeiro dia de programação os conselheiros visitaram o curso de Fonoaudiologia da Faculdade Integradas Aparício Carvalho (FIMCA), e se reuniram com a coordenadora do curso de Fonoaudiologia, Daione Carvalho Oliveira (CRFa 5 -14121-2).

Na avaliação da conselheira Neyla

Mourão (CRFa 5 -0020), a visita foi importante para verificar de perto como anda a formação dos profissionais de Rondônia. "Aproveitamos para reforçar a importância da orientação profissional desde o período acadêmico, assim como orientar sobre os procedimentos de registro profissional", relata a conselheira.

O segundo dia foi movimentado:

Profissionais do Hospital de Base Ary Pinheiro receberam orientação profissional, mais especificamente sobre as ações de fiscalização, e também sobre os Parâmetros Assistenciais em Fonoaudiologia. Além disso, também participaram de três palestras sobre

os temas: 'Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia', ministrada pelo conselheiro Danilo Mantovani; 'Fiscalização', ministrada pela fiscal Ameliana Silva (CRFa 5 -5487); e 'Parâmetros Assistenciais', ministrada pela conselheira Neyla Mourão.

Nesse mesmo dia o CReFa 5ª Região visitou o curso de Fonoaudiologia do

“

Aproveitamos para reforçar a importância da orientação profissional desde o período acadêmico, assim como orientar sobre os procedimentos de registro profissional"

- Neyla Mourão



A caravana do CRFa 5ª Região visitou o curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário São Lucas (Unisl), e se reuniu com coordenadora do curso, Viviane Castro de Araújo e com a coordenadora da Clínica de Fonoaudiologia, Ana Karolina Zampronio Bassi

Centro Universitário São Lucas (UNISL), e se reuniu com a coordenadora do curso, Viviane Castro de Araújo (CRFa 5 -11663-2) e com a coordenadora da Clínica de Fonoaudiologia, Ana Karolina Zampronio Bassi (CRFa 5 -14857-2). Integrando a Jornada de Fonoaudiologia da UNISL, que contou com mais de 80 participantes, o conselheiro Danilo Mantovani apresentou, em forma de palestra para os alunos, o 'Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia'.

Conforme analisa a fiscal do CRFa 5ª Região, Ameliana Silva, todas as atividades que aproximam os profissionais

da rotina da autarquia pública são imprescindíveis. "Levar informações sobre essas atividades onde o profissional está tem um valor simbólico que não pode ser mensurado. A fonoaudiologia se fortalece em cada espaço de diálogo e reflexão", considera.

Agenda política

A visita do CRFa 5ª Região a Porto Velho também contou com articulação política junto a secretários de estado e demais parlamentares, no terceiro dia da programação. Para o conselheiro Danilo Mantovani (CRFa 5 -15234-2), a reunião com o secretário de Saúde do Estado de



O secretário estadual de Saúde, Williames Pimentel se comprometeu em estudar formas para melhorar a situação do serviço fonoaudiológico, e viabilizar a contratação de aprovados em concursos públicos

RO, Williames Pimentel de Oliveira, foi muito produtiva. Na oportunidade, os representantes do CRFa 5ª Região cobraram melhorias no serviço de saúde no tocante a atuação dos fonoaudiólogos que integram a rede pública.

Mesmo sob o argumento de que a grande maioria da receita é destinada ao pagamento de pessoal, o secretário se comprometeu em estudar formas de melhorar a situação do serviço fonoaudiológico, e viabilizar a contratação de aprovados em concursos públicos.

Educação

A fonoaudiologia também ganhou

espaço junto à Secretaria Municipal de Educação de Rondônia. A conselheira regional residente em Porto Velho (RO), Virgínia Braz Silva (CRFa 5 -2224) também integrou a comitativa do CRFa 5ª Região na reunião com o secretário municipal, Zenildo Souza Santos.

De acordo com o conselheiro Danilo Mantovani, a reunião com o secretário Zenildo Souza Santos favoreceu resoluções assertivas para a classe. O secretário solicitou diretamente à conselheira Virgínia Braz da Silva, que apresente um projeto para a Implantação da Fonoaudiologia Educacional no Município.

Conforme explica Danilo Mantovani, o projeto culminará na inclusão de uma vaga para Fonoaudiólogo no concurso emergencial da Prefeitura de Rondônia, que deve acontecer em breve.

No âmbito estadual, o secretário adjunto de estado da Educação, Márcio Felix, falou sobre os entraves que até o momento impossibilitam a contratação de fonoaudiólogos na rede estadual. Entretanto, assumiu o compromisso de reunir-se com sindicatos da região e encontrar soluções.

Para finalizar a agenda política, os representantes da Fonoaudiologia se reuniram com a assessoria jurídica do deputado estadual Léo Moraes. A pauta da reunião tratou do apoio ao Projeto de Lei nº 698/2017 que dispõe sobre a inserção do Fonoaudiólogo nas escolas de Rondônia.

"Em razão da grande extensão geográfica que compõe o CRFa 5ª Região, o projeto 'Conselho Itinerante', se faz muito necessário". É o que avalia a presidente do Conselho, Christiane Tanigute (CRFa 5 -0323). Segundo ela, os resultados já obtidos em Rondônia justificam a iniciativa, e também motivam a necessidade da realização dos próximos que devem acontecer no segundo semestre de 2017. ■



Divulgação

A reunião com o secretário Zenildo Souza Santos favoreceu resoluções assertivas para a classe



Divulgação

A pauta da reunião com a assessoria jurídica do deputado estadual Léo Moraes tratou do apoio ao Projeto de Lei nº



Divulgação

CRFa 5ª Região com o secretário adjunto de Educação do estado de Rondônia

Fóruns discutem a atuação dos fonoaudiólogos na 6ª Região



A presidente do Crefono 6, Gabriela Cintra, recebe as representantes da Saúde Auditiva do estado de Minas Gerais para o Fórum sobre Audiologia.

Isadora Dantas - repórter

Em janeiro, o 7º Colegiado do Conselho Regional de Fonoaudiologia 6ª Região reuniu suas comissões para alinhamento e planejamento das ações a serem desenvolvidas pelo órgão durante o ano de 2017. Com participação dos presidentes de todas as onze comissões e a diretoria, decidiu-se por promover ações, eventos e campanhas que levassem aos inscritos na 6ª Região, mecanismos que valorizassem a profissão e am-

pliasse sua autonomia.

Em maio, as Comissões de Orientação e Fiscalização (COF), Saúde, Educação e Divulgação se uniram para a realização do 1º Fórum de Discussão sobre o Empoderamento nas Especialidades da Fonoaudiologia, evento que aconteceu em Belo Horizonte (MG), no dia 26 daquele mês com discussões em Fonoaudiologia Educacional, Perícia Vocal e o novo Manual de Audiologia, recém publicado pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa).

Os temas foram escolhidos com base nas orientações e demandas dos profissionais, que chegam ao órgão por meio da COF. Para debater as temáticas e discutir a atuação prática em cada área escolhida, foram convidados os fonoaudiólogos especialistas, os coordenadores de serviços de saúde e os docentes de disciplinas afins nos cursos de Fonoaudiologia.

O 1º Fórum não foi aberto ao público e teve como objetivo levantar, diretamente, daqueles atuantes e especialistas das áreas na Região, as principais demandas de cada uma delas. Danielle Dias (CRFa 6-3777), conselheira presidente das comissões de Saúde e Divulgação, esclarece a proposta do Fórum: "Havia muitas demandas de perícia vocal, por exemplo, para serem esclarecidas, e muitas delas precisavam de maior conhecimento técnico e prático do tema. Convidamos colegas que atuam na área, em serviços públicos, e levantamos muitas questões a serem trabalhadas. Este levantamento será encaminhado ao Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia".

A Audiologia teve seu recém publicado Manual, como base das discussões e contou com representantes de vários serviços de saúde auditiva. Estiveram presentes representantes de cidades mineiras como Uberlândia, Diamantina, Belo Horizonte e Alfenas e até mesmo de Vitória (ES). Por se tratar de um manual extenso, um novo encontro com os representantes dos serviços de saúde auditiva do estado foi

pré-agendado para o segundo semestre. A fonoaudióloga Fernanda Abalen (CRFa 6-702), Audiologista e docente do curso de Fonoaudiologia da PUC Minas, em entrevista à Fanpage do Crefono 6, ressaltou que o encontro foi um momento positivo para o empoderamento da classe. Segundo a profissional, "o evento foi muito importante para que o fonoaudiólogo se torne um profissional que tenha maior conhecimento de seus direitos, deveres e um maior aprimoramento de suas habilidades de trabalho", pontua. ([Veja a entrevista completa com a profissional](#)).

Já na Educação, o ponto chave das discussões foram as resoluções e normativas que conduzem o trabalho fonoaudiológico na área. A fonoaudióloga Jade de Oliveira (CRFa 6-8525) expõe sobre a importância do olhar sistêmico para a profissão: "Eu vim para o Fórum de Audiologia, mas a gente percebe que a Fonoaudiologia se comunica em todas as áreas. Não dá para pensar de maneira isolada", pontua a fonoaudióloga que elogiou o evento e pediu para que o Crefa 6ª Região realize encontros como este em mais cidades do Regional. ([Veja a entrevista completa com a profissional](#))

Fórum no Espírito Santo - De maneira diferente, Vila Velha (ES), recebeu no mês de junho, um Fórum aberto a todos os fonoaudiólogos interessados. Todos os especialistas nas áreas de Voz, Audição e Fonoaudiologia Educacional do

estado foram convidados para conduzir as discussões, coordenados pelas conselheiras representantes do CRFa 6ª Região no estado, Mariana Brandão (CRFa 6-3606) e Rafaela Lopez (CRFa 6-2659).

As discussões permearam as normativas e legislações para atuação nas áreas, e também houve forte envolvimento do grupo em temáticas de valorização e autonomia. De acordo com as conselheiras do estado, o grupo elogiou a iniciativa do Conselho e deixou um segundo encontro agendado para agosto. O objetivo do segundo encontro será discutir a autonomia, valorização e remuneração para a classe. O encontro terá apoio do CRFa 6ª Região.

Como resultado final, as demandas levantadas nas discussões serão apresentadas ao Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia, e, para este levantamento, a contribuição de todos foi muito importante, é o que opina a conselheira Janaina Maynard: "Apesar do evento ter acontecido de forma setorizada, separado por áreas, conseguimos discutir a Fonoaudiologia como um todo. A contribuição de todos foi muito importante para o processo final do Fórum que é a apresentação destas demandas para o Sistema de Conselhos e, em alguns casos, a publicação de parecer do Regional", conclui.

Os próximos encontros, já agendados em Minas Gerais e Espírito Santo, devem ocorrer até setembro e serão divulgados nos meios de comunicação do CRFa 6ª Região.



Para as discussões foram convidados especialistas das três áreas.



O grupo que se reuniu no ES já palmeja novos encontros para este ano

Assista as Lives feitas em Belo Horizonte ao final de cada Fórum:

[Fórum de Audiologia](#)

[Fórum de Educação](#)

[Fórum de Saúde](#)

CRFa 7ª Região auxilia Defensoria Pública de fonoaudiólogos no serviço de Po

Cibele Avendano - repórter

A Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul, com a ajuda do Conselho Regional de Fonoaudiologia 7ª Região, ajuizou uma ação com pedido de urgência para que o município de Jaguarão, no interior do Estado, ofertasse o serviço de fonoaudiologia. A Comissão de Saúde Coletiva, através dos conselheiros Cláudio Gabana (CRFa 7 -8833) e Marília Schmitt, (CRFa 7 -9214) mostrou a importância e necessidade do trabalho fonoaudiológico, e, a partir disso, o juiz deu parecer favorável e reconheceu a obrigatoriedade da existência de política pública de saúde que contemple a fonoaudiologia.

“Foi uma grande vitória a favor da população de Jaguarão, uma vez que a fonoaudiologia é uma profissão de saúde de extrema importância,” destaca Gabana. Ele acrescenta, ainda, que o próximo passo é a luta pela abertura de concurso público para o cargo de fonoaudiólogo, pela prefeitura da cidade.



Os conselheiros enviaram à Defensoria Pública todos os locais de inserção do fonoaudiólogo no serviço público, tanto na saúde quanto na educação. O documento foi elaborado com base em

ca do RS a requerer na justiça a presença Políticas Públicas no interior do estado

Divulgação DPERS



ações do Conselho Federal de Fonoaudiologia e pesquisas realizadas em serviços públicos como a da Dra. Cláudia Regina Furquim de Andrade, da USP, que detectou que em 1997, 8% da popula-

ção pediátrica foi encaminhada para o serviço de fonoaudiologia. Outro dado utilizado foi o da pesquisa realizada entre as fonoaudiólogas, Bárbara Goulart, da UFRGS, e Brasília Chiari, da UNIFESP, que mostrou um percentual de 25% de crianças com alteração de fala no município de Canoas, no fim da pré-escola e primeira série do ensino fundamental.

A Defensoria Pública constatou que cerca de dez ações foram ajuizadas no primeiro semestre de 2017, requerendo o serviço de fonoaudiologia infantil e adulto em Jaguarão. A entidade constatou que o serviço é consideravelmente barato, em comparação às ações com as quais o município tem que arcar em virtude de não ter profissionais para desempenhar o trabalho. A Defensoria ainda ressaltou que a fonoaudiologia é componente do direito constitucional à saúde, e a Constituição da República do Brasil prevê que o acesso à saúde é direito fundamental, e as Políticas Públicas que concretizam devem gerar proteção ao direito garantido. ■

Parceria entre cursos de fonoaudiologia e odontologia prepara estudantes para o mercado de trabalho

Thaiane Firmino - repórter

Promover a interdisciplinaridade é uma das alternativas para incentivar o atendimento integral do paciente. Sob essa perspectiva, os cursos de Fonoaudiologia e Odontologia da Universidade de Fortaleza (Unifor) estão integrados para desenvolver projetos nas áreas de prótese dentária e clínica infantil. Com a intenção de ampliar o aprendizado dos estudantes e prestar serviços à comunidade, as iniciativas são desenvolvidas desde 2004 e 2015, respectivamente. Cerca de 30 adultos e 40 crianças são atendidos todos os meses.

Para participar dos projetos, os alunos dos dois cursos precisam ser aprovados em processo seletivo com entrevistas e, após um ano de experiência, há possibilidade de permanecerem como monitores. Entre as atividades desempenhadas por eles estão: realização de exames,

moldagens iniciais das próteses, orientações, intervenções terapêuticas, descrição dos diagnósticos e elaboração do plano de tratamento. As tarefas são supervisionadas por professores das duas áreas.

No Projeto de Prótese Dentária (PPD) são atendidos adultos e idosos desdentados, parcialmente ou totalmente. “Muitas vezes são pacientes que estão nessa condição há anos e, por isso, já ocorreu o colapso das funções do sistema estomatognático (que compreende as estruturas da boca)”, explica a professora do Curso de Odontologia, Patrícia Pinheiro. A desarmonia entre os componentes da boca interfere diretamente na mastigação, fala e respiração, por exemplo. Sendo assim, ela considera que associar o tratamento odontológico com a terapia fonoaudiológica possibilita conforto e segurança ao indivíduo.



Equipe Integrada de Prótese Dentária



Professoras e alunos de fonoaudiologia e odontologia do Projeto Prótese Dentária



Confecionando Prótese Dentária



Equipe Integrada de Prótese Dentária em atendimento

Para a estudante de Fonoaudiologia, Brena Castro, que atuou no projeto por aproximadamente dois anos, há a necessidade de uma relação direta entre as duas profissões. “Essa integração é de extrema importância para o paciente com prótese, pois o trabalho da fonoaudiologia com a odontologia proporciona equilíbrio entre estética e funcionalidade. A prótese dentária é um recurso que possibilita melhorar a mastigação e o ato de engolir, por exemplo, mas a reabilitação desses mecanismos através da inter-

venção fonoaudiológica é fundamental”, diz. Para Maria Amália Sales (69), que está com a prótese há três semanas, a existência do projeto é um canal para devolver autoestima e qualidade de vida à população. “Estou bem adaptada e o trabalho fonoaudiológico foi importante para isso. A mastigação e o ato de engolir estão bem ajustados”, conta.

A efetividade do trabalho desenvolvido em parceria também foi percebido pela paciente Regina Célia Barcelos (61). Segundo ela, as orientações transmitidas

pelos professores e alunos fazem a diferença em seu cotidiano. “Tem dois meses que estou com a prótese e sempre que vou mastigar lembro das orientações”, disse. Os protocolos clínicos para avaliação, moldagem e confecção das próteses são realizados semanalmente pelos alunos de odontologia e, após análise inicial, os estudantes de fonoaudiologia seguem fazendo as orientações e intervenções, com o intuito de possibilitar aos pacientes uma melhor adaptação. “O sucesso no uso da prótese está relacionado com a musculatura. As orientações e os exercícios fonoaudiológicos promovem maior estabilidade muscular, com a melhora dos movimentos de lábios, língua e bochechas”, acrescenta a estudante de odontologia, Patrícia Arraes.

No Projeto de Clínica Infantil (PCI) a parceria continua. Subdividido em dois grupos, Mãe-Bebê e Cárie Zero, a iniciativa visa trabalhar com prevenção, através de orientações sobre mastigação, respiração e fala, além de conscientizar sobre a necessidade de retirada de hábitos orais que possam interferir diretamente na arcada dentária e na postura oral. Com apoio dos familiares, as crianças passam a exercitar diariamente o que aprendem em cada encontro. “O projeto é interdisciplinar e visa o benefício dos alunos e da população. As famílias avaliam super bem esta parceria, pois ganham em tempo e qualidade”,

conta a professora do Curso de Odontologia, Morgana Gradvohl.

Ainda na sala de espera da clínica, os alunos realizam as primeiras orientações odontológicas aos familiares. Na sequência, quando necessário, as crianças são inseridas em grupos de terapia fonoaudiológica. “Compartilhamos visões de áreas distintas sobre um mesmo paciente. Enquanto os colegas da odontologia dão uma visão da estrutura óssea da boca, nós damos uma visão da musculatura e da funcionalidade. Por exemplo, muitos pacientes com a ‘mordida aberta’ (dentes superiores não tocam os inferiores) têm ‘escape de língua’ quando falam, e isso pode empurrar os dentes, atrapalhando tanto no serviço odontológico, como no desenvolvimento da fala da criança. Com o atendimento simultâneo é possível trabalhar a correção de forma plena”, pontua a estudante de fonoaudiologia, Ester Vitória Andrade.

Após a participação no PCI, o dia a dia de Lucas Viana mudou. Segundo Maria Jamile Viana, mãe do garoto de nove anos, a comunicação com os colegas e a interatividade na escola melhoraram. “Antes ele ficava muito tímido, agora está mais sociável”, afirma. Já para Francisco Jarmison Júnior, de sete anos, a melhora na fala e o controle do ronco foram os primeiros sinais positivos percebidos pela família. “Ele agora não tem olheiras e não fica assistindo televisão e jogando



Professoras do Projeto de Clínica Infantil



Equipe de fonoaudiologia do Projeto de Clínica Infantil



Alunos de fonoaudiologia e odontologia atuando no Projeto de Clínica Infantil



Equipe do Projeto de Clínica Infantil

videogame com a boca aberta. Na escola, a correspondência entre letra e pronúncia melhorou bastante”, conta a avó do garoto, Maria de Fátima Ramires. O material de suporte desenvolvido para o projeto é lúdico, com o intuito de facilitar a didática no momento das intervenções. Entusiasmada com os resultados, a estudante de odontologia, Aline Procópio, destaca: “É um aprendizado constante”.

Para a professora do Curso de Fonoaudiologia e coordenadora dos dois projetos, Denise Antunes (CRFa 8 -4492), o contato direto no atendimento do paciente, a troca de experiências e as dis-

cussões clínicas junto aos professores, desenvolvem nos alunos visão ampliada e maior capacidade de resolução nas tomadas de decisões. “São experiências práticas e enriquecedoras que promovem conhecimento, raciocínio clínico, atitude colaborativa, compromisso e ética nos cenários de prática - aspectos imprescindíveis para um mercado de trabalho tão desafiador”, destaca. Antunes considera ainda que o projeto contribui para que os professores envolvidos tenham perfil diferenciado, já que lidam com assistência à saúde e são facilitadores do trabalho em equipe. ■

Fonoaudióloga gaúcha participa de programa de pesquisa inovadora na área de demência, na Irlanda

A fonoaudióloga Bárbara Costa Beber (CRFa 7 -8864), professora do curso de Fonoaudiologia da Faculdade Nossa Senhora de Fátima e pesquisadora colaboradora do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, participa do programa de pesquisa sobre demência em Dublin, Irlanda. O Global Brain Health Institute (GBHI) é uma colaboração entre a Trinity College Dublin (Irlanda) e a University of California San Francisco (Estados Unidos), que iniciou em 2016, com um suporte financeiro da Atlantic Philanthropies, suficiente para treinar 600 profissionais durante 15 anos. O programa inovador tem como objetivo treinar profissionais para serem líderes na área de demência em seus países de origem e desenvolverem ações com potencial para reduzir o impacto da doença no mundo. Atualmente, Bárbara é a única fonoaudióloga que participa do grupo. Além dela, há outros dois brasileiros que participam do programa, a neurologista Elisa de Paula França Resende, da Universidade Federal de Minas Gerais, e o professor e psiquiatra, Rogério Panizzutti, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RC - Como é feita a seleção para participar do GBHI?

Bárbara - O processo de seleção acontece duas vezes ao ano e envolve várias etapas. A primeira se dá através de uma pré-inscrição, onde o candidato deve apresentar seu interesse no programa. Candidatos considerados adequados serão convidados a fazer a inscrição completa e passar para as demais etapas. O profissional interessado deverá responder várias perguntas em um formulário, a respeito de suas áreas de expertise e os motivos pelos quais deverá ser selecionado. Além disso, deve enviar currículo, carta de interesse e cartas de referência. Normalmente são realizadas duas entrevistas em inglês, com membros do corpo docente da University of California San Francisco e da Trinity College Dublin. O perfil procurado é de pessoas que tenham comprometimento, interesse pela saúde do cérebro e por políticas de saúde, assim como habilidades para implantar intervenções em seus países de origem com potencial de mudar a realidade nesta área. Pessoas de qualquer área de conhecimento e de qualquer país podem se inscrever.



RC - Qual a sua área de pesquisa dentro do programa?

Bárbara - Dentro do programa, trabalho em duas linhas de pesquisa e tenho a colaboração de outros pesquisadores do Brasil, da Irlanda, dos Estados Unidos, e o apoio das organizações da nossa classe profissional do Brasil. A primeira linha de pesquisa, na qual tenho um projeto considerado de maior impacto, encontra-se dentro de um contexto de saúde pública. Neste projeto iremos realizar uma série de estudos e implementar ações com o objetivo de melhorar o preparo dos fonoaudiólogos brasileiros para atuar na área da demência. Será realizada uma análise de como o assunto é abordado nos currículos dos cursos de fonoaudiologia no Brasil e também iremos investigar o nível de conscientização e conhecimento sobre a demência entre os fonoaudiólogos do Brasil. O outro projeto é na área da neurociência cognitiva e tem como objetivo investigar como diferentes classes gramaticais são processadas no cérebro, utilizando pacientes com doenças neurodegenerativas como modelo de lesão cerebral.

RC - As previsões indicam que o número de indivíduos com demência irá triplicar até o ano de 2050, princi-

palmente em países de média e baixa renda, como é o caso do Brasil. Qual a importância de termos profissionais preparados?

Bárbara - Apesar desta previsão apontar o ano de 2050, este processo já está ocorrendo e, por isso, exige ações urgentes e imediatas. A demência é uma síndrome neurológica que é irreversível na maioria dos casos, como por exemplo, na doença de Alzheimer. Por este motivo, tem consequências negativas na vida das pessoas doentes e de seus familiares. Além das consequências na qualidade de vida das pessoas, o custo direto e indireto deste aumento nos casos de demência será de grandes proporções, o que traz preocupações para a saúde pública e para a assistência e seguridade social dos países. Profissionais preparados para atuar nesta área podem contribuir para reduzir o impacto da doença através do diagnóstico correto e precoce, através de intervenções e da prevenção. Apesar de não haver cura para demências de causa neurodegenerativas, há tratamentos farmacológicos e não-farmacológicos (como a terapia fonoaudiológica) que ajudam a prolongar a funcionalidade dos pacientes, a qualidade de vida e a dignidade.

RC – O GBHI irá treinar 600 profis-

sionais durante 15 anos. Como é ser a única fonoaudióloga brasileira a fazer parte deste grupo?

Bárbara - É uma grande honra, mas também uma grande responsabilidade. Não sou só a única fonoaudióloga brasileira, mas a única fonoaudióloga. Portanto, não só represento o país, mas também a profissão. Vejo que tenho um papel importante em mostrar para os profissionais de outras áreas, que podemos contribuir muito no cuidado de pessoas com demências, e espero que isso abra portas para a participação de muitos outros fonoaudiólogos.

RC - Quais são as expectativas para colocar o conhecimento em prática no Brasil?

Bárbara - Estou bastante otimista e empolgada com o projeto, que visa o envolvimento dos fonoaudiólogos brasileiros nas demências. As primeiras etapas do projeto já estão em andamento e a previsão de conclusão é para 2018, sendo que já há outro projeto em planejamento para dar continuidade a este trabalho. A nossa profissão tem uma história bem estabelecida no cuidado de pacientes com afasias não-degenerativas, mas apenas nos últimos anos o conhecimento sobre demência tem começado a circular no nosso meio. O trabalho de preparar adequa-

damente os fonoaudiólogos para intervir nas demências é longo e árduo, especialmente devido ao tamanho e complexidade do nosso país. Acredito que o apoio de vários pesquisadores da área e das instituições de classe profissional são muito importantes para a concretização deste objetivo.

RC - A doença de Alzheimer é apenas uma das doenças que pode causar demência. Poderia citar outros tipos de doenças?

Bárbara - A demência é um termo “guarda-chuva”, sob o qual se incluem inúmeras síndromes neurológicas que apresentam prejuízo cognitivo associado à diminuição da funcionalidade. Existem demências de causas reversíveis, causadas por doenças metabólicas e infecções, como, por exemplo, demências devido a distúrbios da tireoide ou por carência de vitamina B12. Esses casos são passíveis de tratamento médico e a cognição pode ser recuperada. A doença de Alzheimer é considerada uma demência irreversível, já que decorre de um processo de neurodegeneração. Outras demências irreversíveis são a demência vascular, a demência frontotemporal e a demência por corpos de Lewy. Dentro da demência frontotemporal, existem as chamadas afasias progressivas primárias, que são de

grande interesse para a fonoaudiologia já que se caracterizam por prejuízo predominante de linguagem, devido a comprometimento de regiões frontais e temporais do cérebro que participam do processamento linguístico. As afasias progressivas primárias podem ser classificadas em três variantes de acordo com a sintomatologia e área do cérebro que está afetada: semântica, logopênica e agramática ou não-fluente.

7 - Como a fonoaudiologia pode contribuir no tratamento da demência?

Bárbara - As principais áreas de contribuição são os distúrbios da comunicação e as disfagias. A fonoaudiologia pode contribuir não só no tratamento, mas na educação, prevenção e diagnóstico. É possível citar inúmeros exemplos de como podemos contribuir. O fonoaudiólogo habilitado pode realizar avaliação neuropsicológica e auxiliar no diagnóstico diferencial, especialmente nos casos com prejuízo de linguagem. Em relação ao tratamento dos distúrbios da comunicação, pode-se realizar a reabilitação cognitiva através do treino de habilidades específicas de linguagem ou de estratégias que utilizem as habilidades linguísticas preservadas para compensar as que estão prejudicadas. Também é possível treinar os

cuidadores para se comunicarem de modo mais eficaz com os pacientes e prepará-los para o uso de comunicação alternativa. Já nas fases mais avançadas da doença, o tratamento da disfagia tem um papel importante para a manutenção da qualidade de vida e dos cuidados paliativos.

8 - A fonoaudiologia é considerada uma das profissões do futuro no Brasil, justamente pelo envelhecimento da população. Como você acha que os profissionais devem se preparar para este momento?

Bárbara - Profissionais já formados, que não receberam treinamento para atuar nesta área, e que tem a expectativa de trabalhar com esta população, podem procurar se qualificar através de cursos de curta duração, de extensão ou especialização. Também é importante se manter atualizado acompanhando as publicações científicas da área. Em relação à educação dos futuros fonoaudiólogos, as universidades têm o importante papel de adequar seus currículos, incluindo disciplinas sobre demência e, se possível, estágios ou outras atividades práticas. O fonoaudiólogo também deve se preparar para trabalhar de modo multi e interdisciplinar com profissionais de outras áreas. ■

Fiscalização e ética na Fonoaudiologia em debate

Divulgação Crefono 1



Rose Maria - repórter

A ética no Brasil precisa voltar a ser uma prática e não apenas uma preocupação. A afirmação do professor e historiador Leandro Karnal, em uma de suas palestras de provocações sobre Ética, bem poderia resumir um dos objetivos do VI Encontro Nacional de Fiscalização e I Simpósio de Orientação e Fiscalização do Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia, que aconteceu dias

29 e 30 de junho, no Rio de Janeiro.

Cumprindo a meta de descentralização das discussões (em 2016, o encontro visitou o CRFa 7ª Região), o encontro de 2017 ocupou o auditório do Conselho Regional de Contabilidade (CRC), no Centro do Rio, e as Comissões de Ética e de Orientação e Fiscalização do CFFa contaram com apoio do CRFa 1ª Região na organização do evento anual.

Cerca de 50 conselheiros de todo



Mesa de abertura do evento



Participação da presidente do CFFa, Thelma Costa na programação do evento

o Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia, fiscais e assessores jurídicos analisaram nos dois dias de debate as “Conquistas e Desafios da Fiscalização do Sistema de Conselhos”.

Na abertura, o diretor institucional do CRC, Felipe Ribeiro, ressaltou que a instituição estava muito feliz em receber o encontro de fiscalização da Fonoaudiologia no ano em que sua entidade completa 70 anos de atividades. “A fiscalização é uma das finalidades dos Conselhos e, com a troca de experiências, a gente só cresce”, disse Felipe Ribeiro.

A presidente do CRFa 1ª Região, Lucia Provenzano, foi além: “Os três pilares de um Conselho são a Fiscalização, a Regulação e Orientação. Mas a base desses três pilares é garantir que a sociedade tenha acesso aos serviços. Esse objetivo social é a razão do nosso trabalho”, concluiu.

O presidente da COF/CFFa, Celso Gonçalves Júnior (CRFa 3 -9103), res-

saltou que toda a programação foi pensada para atender as necessidades das Comissões de Orientação e Fiscalização e de Ética, mas também dos fiscais. E a presidente do CFFa, Thelma Costa (CRFa 2 -4211), completou: “Tentamos contemplar, na medida do possível, todas as solicitações, porque vocês sabem, melhor do que ninguém, os desafios que enfrentam. E nossas conquistas valorizam nossa profissão”.

Assim, primeiramente foram analisados os desafios da fiscalização, a partir da palestra magna do assessor jurídico do Conselho Federal de Fonoaudiologia, Leandro Coelho. O que é denunciar? Qual o fator gerador de uma fiscalização? Como trabalhar questões penais ou atos criminosos dentro de um Conselho de Fiscalização Profissional? A denúncia precisa ser formalizada ou a fiscalização pode agir a partir de um fato tornado público pela internet? Quando cessa a negocia-



Conselheira Miriam Teresinha Pinheiro da Silva, mestre de cerimônias



Participantes do VI Enfis

ção e surge o encaminhamento para o Ministério Público? Todas essas questões foram analisadas com base na Constituição Federal e na legislação vigente que regula as práticas fonoaudiológicas, com intensa participação dos fiscais, conselheiros e advogados presentes.

Identificados os desafios, surgem os caminhos para vencê-los ou superá-los: fiscais de cada um dos Regionais apresentaram experiências bem sucedidas em suas bases, ainda no primeiro dia de discussões.

No CRFa 1ª Região, as estratégias exitosas que incentivaram os profissionais a portar a cédula de identidade profissional em seu dia a dia, e como tal prática corrobora para a legitimidade profissional. No CRFa 2ª Região, a efetividade do trabalho conjunto do Regional e do Ministério Público para levar as unidades de saúde a realizarem o Teste da Orelhinha em todos os

bebês, como manda a lei, e não só em bebês de risco. No CRFa 3ª Região, a internet como aliada do setor de fiscalização, captando provas documentais para impedir o exercício ilegal da profissão. No CRFa 4ª Região, a fiscalização a serviço de mudanças de parâmetros para viabilizar o atendimento mais rápido a mães e seus bebês com suspeita de microcefalia. No CRFa 5ª Região, a fiscalização em conjunto com o Cerest (Centro de Referência em Saúde do Trabalhador) municipal para orientar e empoderar o fonoaudiólogo a buscar melhores condições de trabalho e a notificar agravos. No CRFa 6ª Região, a capacitação de conselheiros para, por exemplo, lavrar termos de constatação, tornando-se, também, fiscais. E, no CRFa 8ª Região, como zelar por condutas éticas nas redes sociais.

A conselheira do CFFa, Miriam Teresinha Pinheiro (CRFa 7-6037) se emo-

cionou diante dos relatos. “Estamos fazendo, ainda em passos curtos, o caminho. Que essas experiências sirvam de exemplo para todo o Sistema e que impulsionem não só nossos pares, mas outros Conselhos, em ações conjuntas com outras áreas de atuação”, disse.

Na parte da tarde do primeiro dia de discussões, coube aos assessores jurídicos Marco Stefani (CRFa 7ª Região), Frederico Augusto Carvalho de Sá (CRFa 6ª Região), Valéria Nascimento (CRFa 2ª Região) e Ricardo Toscano (CRFa 4ª Região), tendo Leandro Coelho (CFFa) como mediador, traduzir a linguagem jurídica no processo de fiscalização. “É preciso conhecer as leis. Aprender a se comunicar sem arrogância. As resoluções podem ser claras e dinâmicas, mas se ferirem os princípios constitucionais, não têm validade nenhuma. E mais: a COF instrui o processo, investiga, mas não julga”, destacou Marco Stefani. Para ele, a hierarquia começa pela Constituição Federal, seguida da Lei nº 6965/1981, Código de Ética e Resoluções.

O advogado e mediador de conflitos, Marcello Rodante, encerrou o debate do dia 29 de junho com uma reflexão sobre mediação e práticas colaborativas. Rodante acredita que é preciso olhar o conflito através de novas óticas, onde a mediação e conciliação ganham cada vez mais espaço. “É preciso valorizar o

consenso. O processo jurídico e penal continua existindo e, muitas vezes, é a única saída. Mas também é preciso estar preparado para o diálogo, que faz as relações serem mais humanas e punir deixa de fazer sentido”, defendeu.

No segundo dia de discussões, os casos mais comuns de infração na atuação de fonoaudiólogos foram apresentados ao grupo através de esquete teatral, com a participação dos atores Michelle Raja Gebara e Paulo AKL. A apresentação abriu o workshop da Comissão de Ética, cujo tema foi o novo Código de Processo Disciplinar. Através de estudo de casos, fiscais, conselheiros e assessores jurídicos analisaram condutas antiéticas, como o exercício profissional por estudantes ainda não graduados e a convivência de fonoaudiólogos com o exercício da Fonoaudiologia por leigos, em seu local de trabalho. As conselheiras do CFFa Thelma Costa e Monica Karl (CRFa 1 -7205) conduziram o debate e contaram com a ajuda da assessora jurídica Valéria Nascimento, sob moderação do conselheiro federal, Celso Gonçalves Jr.

Para encerrar o VI Encontro e o I Simpósio de Orientação e Fiscalização, a fonoaudióloga do Rio de Janeiro, Leila Mendes (CRFa 1-4404) falou sobre Coaching em Comunicação e sobre estratégias para uma comunicação eficaz. “Precisamos trabalhar nossa própria

comunicação para que a gente se comunique melhor no nosso dia a dia. Não é cumprir a lei pura e simplesmente porque ela foi feita para ser cumprida, mas porque ela zela pela nossa profissão e

para que as pessoas sejam bem atendidas por fonoaudiólogos. A escuta faz parte do diálogo e, para melhor condução do processo, é preciso ter um coração inteligente”, concluiu Leila Mendes.



“Sempre é uma oportunidade de ampliar conhecimentos e crescer enquanto classe, através da troca de experiências. Foi muito rico participar desse encontro. Foram trazidas experiências exitosas de outras regiões e levantados pontos de discussão que ampliaram nossa visão” – Suzana Afonso, fiscal CRFa 6ª Região



“Vimos aqui que estamos nos arriscando a fazer o novo. Não se pode conseguir o diferente sem mudar atitudes. Vimos aqui como o fonoaudiólogo pode se sentir acolhido e ter confiança no seu Conselho. Ganhamos mais segurança para continuar fazendo nosso trabalho” – Luciana Kael, presidente do CRFa 7ª Região



“Esse é meu primeiro evento junto aos fiscais, porque entrei recentemente no Conselho. Em termos de aprendizado, foi muito produtivo, porque tive oportunidade de ter contato com outros fiscais, outros assessores jurídicos e outras Regiões, conhecer melhor o linguajar jurídico, a dinâmica particular de cada Regional. Foi muito enriquecedor e propiciou uma troca de aprendizado e de conhecimento muito grande. Aproveitei bastante como fonoaudiólogo, fiscal e cidadão” - Augusto César da Silva Geraldo, fiscal CRFa 2ª Região

CFFa continua articulação para aprovação do **PL 30 horas** para Fonoaudiologia



Em junho de 2017, a deputada Erika Kokay (DF) foi designada como relatora do PL na Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público (CTASP)

Suzana Campos - repórter

Em tramitação na Câmara dos Deputados, o PL nº283/2015 apresentado pelo deputado Nilson Leitão (MT), que dispõe sobre a jornada de trabalho do Fonoaudiólogo, atualmente está na Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público (CTASP), aguardando relatoria da deputada Érika Kokay (DF). O Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa) acompanha a tramitação do PL e continua a articulação parlamentar pela regulamentação da jornada de 30 horas para a classe.

Desde que o PLC 119/2010 foi vetado pela presidência da república, em abril de 2013, sob o argumento de que a medida, se aprovada, prejudicaria os cofres dos municípios e o atendimento do SUS, o CFFa traçou novas estratégias e uma delas foi a apresentação de um novo Projeto de Lei sobre o tema.

Conforme analisa a presidente da Comissão de Assuntos Parlamentares do CFFa, conselheira Luciana Cardoso Assuti (CRFa 7, a tramitação do PL está a contento. "Conseguimos importantes vitórias nas duas comissões pelas quais já tramitou, mesmo assim é preciso continuar vigilante", alerta a conselheira.

Relembre a tramitação do PL nº283/2015:

O PL nº 283/2015, de autoria do deputado Nilson Leitão (MT), foi apresentado em 10 de fevereiro de 2015 e distribuído às comissões de Seguridade Social e Família; Trabalho, de Administração e Serviço Público e Constituição e Justiça e de Cidadania, com apreciação conclusiva pelas Comissões;

Na Comissão de Seguridade Social e Família (CSSF), o projeto teve como relatora a deputada Conceição Sampaio (AM), que apresentou relatório pela aprovação do projeto, sendo aprovado por unanimidade em 10 de maio de 2015.

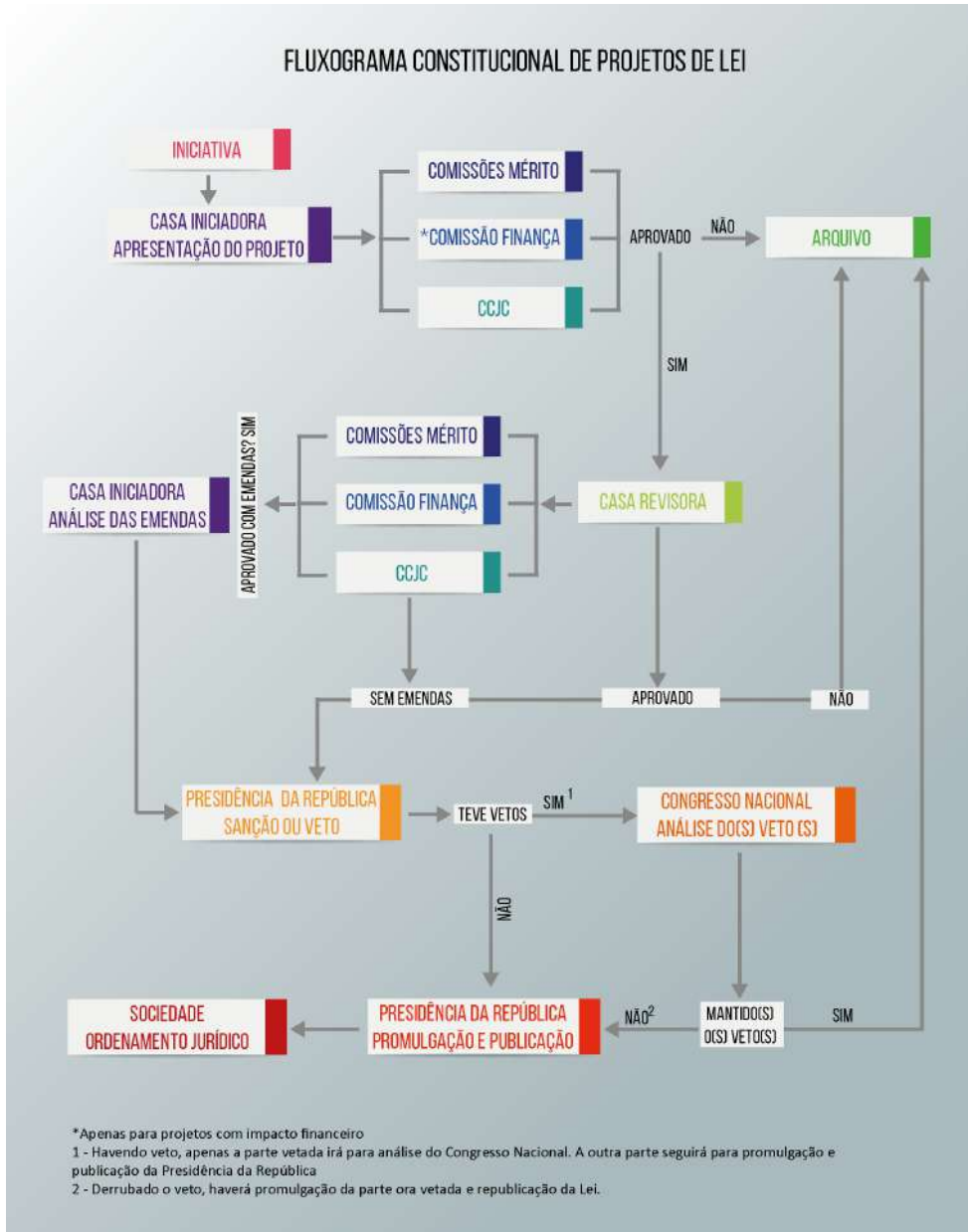
Encaminhado à Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público (CTASP) em junho de 2017, a deputada Erika Kokay (DF) foi designada como relatora. No momento nenhuma emenda foi apresentada, o PL aguarda o relatório e momento oportuno para ser colocado em pauta.

Após apresentação do relatório e aprovação pela Comissão, o projeto será encaminhado para a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC).

Para acompanhar a tramitação do projeto, basta acessar o link:

<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=946353> ■

Saiba também quais as etapas seguem para aprovação de um Projeto de Lei:



Valorização profissional: uma busca de todos

Jeniffer Borges e Isadora Dantas - repórteres

Valorização profissional é uma busca constante que não se limita apenas em fazer valer os direitos profissionais, mas sim, em trabalhar pelo interesse coletivo de uma classe. Nesta busca, fonoaudiólogos, muitas vezes, encontram percalços que dificultam seu pleno sucesso. Entretanto, existem profissionais Brasil à fora que acreditam no trabalho conjunto para o fortalecimento da profissão e da valorização como fonoaudiólogos.

Os conselhos normatizam e garantem, por meio de suas fiscalizações, que a profissão seja exercida apenas por profissionais com formação para tal. Esse é o papel legal e moral que os conselhos de classe têm para com seus representantes e com a população, mas também "É preciso que os fonoaudiólogos vejam seus conselhos como parceiros, denun-

ciem casos que infrinjam nosso código de ética e busquem por orientações dos setores de Orientação e Fiscalização de seus regionais", é o que acredita Gabriela Cintra (CRFa 6-3314), presidente do CRFa 6ª Região.

Em todo o Brasil, fonoaudiólogos assumem frentes que protegem a Fonoaudiologia e garantem condições dignas de trabalho à classe, como é o caso dos sindicatos. Maria Patrícia (CRFa 3-10175-2),



presidente do Sindicato dos Fonoaudiólogos do estado do Paraná (Sinfopar), explica a importância dos sindicatos para a classe: "O sindicato estabelece o piso salarial em seus estados ou regiões. Piso salarial é o valor mínimo que o Fonoaudiólogo deve receber, caso registrado em regime CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Isso pode ser realizado através de convenção ou acordos coletivos, onde negociamos também carga horária, auxílio alimentação, insalubridade e outros benefícios aos profissionais registrados", afirma e complementa: "Já em casos de profissionais autônomos, nós realizamos, junto a estes profissionais, tabelas de valores mínimos de procedimentos, o que norteia e conscientiza o fonoaudiólogo da valorização do seu trabalho", explica.

Além da manutenção das questões trabalhistas, os sindicatos defendem os direitos dos fonoaudiólogos em caráter jurídico - quando não cumpridas as determinações estabelecidas - e nas demandas de valorização profissional. "Também é trabalho do sindicato defender os direitos do fonoaudiólogo e conscientizá-lo dessa valorização", afirma. Segundo a sindicalista a valorização também depende do profissional. "É importante que ele se aperfeiçoe na profissão, busque por informação e, sobretudo, por formação", acredita. Ainda de acordo com o que pondera Maria Patrícia, o profissional mal remunerado tende a se

sentir desvalorizado e é preciso defender a classe e compreender que a cobrança de valores justos se origina da valorização do profissional.

Em paralelo aos sindicatos, as associações, muitas vezes, defendem a classe em interesses similares, apoiando e defendendo seus associados. A fonoaudióloga e presidente da Associação dos Fonoaudiólogos do Mato Grosso do Sul (Afams), Stella Bacha (CRFa 6-57), acredita que existe uma parcela de profissionais engajada, que se valorizam e estão preocupados com a profissão, entretanto, existem aqueles que, desmotivados, entram em um círculo vicioso com a cobrança de preço vil e se acomodam nas atividades exercidas.

O trabalho das associações é importante no processo de valorização. "Não é uma tarefa fácil, contudo, ele acontece e é ininterrupto. Divulgamos o trabalho do fonoaudiólogo à população em diferentes meios, disponibilizamos tabela de honorários, uma vez que nossa região não tem um sindicato que nos responda a isso e dialogamos com profissionais de diversas áreas", afirma.

Grupos de profissionais usam meios digitais para se movimentarem em prol da classe

Na cidade de Uberlândia (MG) um grupo de fonoaudiólogos se destacou por provar que uma classe organizada garante benefícios ao profissional. "O



"É preciso que os fonoaudiólogos vejam seus conselhos como parceiros, denunciem casos que infringem nosso código de ética e busquem por orientações dos setores de Orientação e Fiscalização de seus regionais."
Gabriela Cintra

grupo, no whatsapp, se chama Fonoaudiólogos Uberlândia, aberto a todos os profissionais que tenham interesse em participar" explica a fonoaudióloga membro, Raquel Teixeira (CRFa 6-6620). O objetivo do grupo é divulgar vagas, cursos, materiais e discutir assuntos referentes à área, na cidade, dentre eles, a conduta de clínicas e a valorização da profissão. Apesar de recente, o grupo possui, até o fechamento desta edição, 102 membros, sendo estes, de Uberlândia e cidades próximas.

A vice-presidente e presidente da Comissão de Orientação e Fiscalização do CRFa 6ª Região, Lucila França (CRFa 6-1436), foi convidada, como representante do Conselho, para reuniões presenciais. Foram dois encontros para tratar sobre Au-

diologia Ocupacional e sobre atendimentos em *Home Care*. A ideia das reuniões surgiu de necessidades específicas discutidas no grupo. "Foram discutidos e acordados diversos itens específicos das áreas da Fonoaudiologia e demandas que incluem condutas, valores mínimos e cargas horárias. Tudo com o intuito de qualificar e valorizar a profissão na cidade", explica Raquel, que ainda informa que os participantes do grupo têm aderido e colocado em prática as decisões e valores propostos nas reuniões.

A fonoaudióloga se mostra otimista quanto às perspectivas do grupo, que é unir os fonoaudiólogos da região em prol da valorização profissional. "Vamos divulgar para colegas de outras regiões para quem sabe, futuramente, nos unificar", adianta. ■

Sistema de Conselhos marca presença em feira de tecnologia e educação

Raíza Rocha



Raíza Rocha - repórter

Pelo sexto ano consecutivo, o Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia participou da Feira de Exposições Bett Educar, evento que tem a missão de reunir pessoas, práticas e tecnologias para propiciar o desenvolvimento dos educadores, maximizando a aprendizagem dos alunos. Nos quatro dias de exposição, de 10 a 13 de

maio, além de folhetos informativos, o estande do Sistema de Conselhos ofereceu sete oficinas aos visitantes e um papo livre entre fonoaudiólogos.

As oficinas abordaram distintos temas, desde o uso de jogos como estratégia educativa, à importância da comunicação na escola para não adoecer. Dislexia, bilinguismo, leitura em sala de aula e autismo

presença em maior evento de ão da América Latina

As oficinas abordaram distintos temas, desde o uso de jogos como estratégia educativa, à importância da comunicação na escola para não adoecer. Dislexia, bilinguismo, leitura em sala de aula e autismo também foram alguns dos assuntos abordados





Nos quatro dias de exposição, de 10 a 13 de maio, além de folhetos informativos, o estande do Sistema de Conselhos ofereceu sete oficinas aos visitantes

também foram alguns dos assuntos abordados nas atividades realizadas pelos próprios Conselheiros e profissionais colaboradores, aos visitantes da Bett Educar.

Feira + Congresso

Em 2017, a participação do Sistema de Conselhos na Bett Educar apresentou uma novidade. Além do estande, o CRFa 2ª Região esteve entre os palestrantes do Congresso Bett Educar, que ocorreu concomitante à

Feira. “Podemos discutir as questões das dificuldades de aprendizagem e a possibilidade do trabalho do Fonoaudiólogo na compreensão dos processos educacionais”, explica Jason Gomes (CRFa 2 -16993), presidente da Comissão de Educação do CRFa 2ª Região e palestrante da Bett Educar pelo Conselho.

Entre os cinco eixos norteadores do Congresso - Aprendizagem, Práticas de Sala de Aula, Formação de



Raiza Rocha

A participação do Sistema de Conselhos na Bett Educacão apresentou uma novidade, e além do estande, o CRFa 2ª Região esteve entre os palestrantes do Congresso Bett Educacão

Professores, Gestão e Políticas Educacionais – e as 133 sessões de debate, o Conselho contribuiu com a discussão sobre Índícios de dificuldade na aprendizagem e discalculia.

O CRFa 2ª Região levou aos congressistas o debate sobre tecnologias leves em Fonoaudiologia, ressaltando a importância às pessoas deste instrumento em todos os níveis de atenção. Ao mesmo tempo, estimulou a reflexão sobre a produção do

conhecimento, que também se dá a partir das relações sociais estabelecidas pelo aluno fora da sala de aula, e como esse conhecimento deve ser um importante instrumento para facilitar a aprendizagem. O diálogo entre os diferentes agentes envolvidos no processo de educação e a preocupação com a relação indivíduo e coletivo foram questões também abordadas durante a palestra, que reuniu mais de cem pessoas. ■



Evento: IV Congresso Internacional e XXIV Brasileiro da Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil e Profissões Afins

Tema: Abenepi: Há 50 anos preparando o futuro

Data: 9 a 12 de agosto

Local: Hotel Windsor Oceânico, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro

Site: <http://www.congressoabenepi2017.com.br/home/>.

Evento: XXVI Congresso Brasileiro de Cirurgia de Cabeça e Pescoço

Tema: A Cirurgia de Cabeça e Pescoço no Brasil após 50 anos

Data: 25 a 27 de agosto

Local: Hotel Royal Tulip, São Conrado, Rio de Janeiro

Site: <http://congressobrasileiroccp2017.org.br/>.



Evento: "Balizadores de tempo na prática fonoaudiológica: discutindo os parâmetros assistenciais"

Data: 15/08

Local: Edifício Office Center- Rua Joaquim Távora nº 93 – Santos (SP).

Organização: Delegacia Baixada Santista do Conselho Regional de Fonoaudiologia de São Paulo

Site para inscrições e mais informações:

<http://www.fonosp.org.br/>

Evento: 16º Congresso nolaringologia

Data: 31/08 a 02/09

Local: Centro de Convenções São Paulo (SP)

Organização: Fundação

Site para inscrições e mais informações:

<http://forl.org.br/congresso>

Evento: Simpósio voltado ao bem estar dos profissionais de saúde

Data: 26/09

Local: Centro de Convenções Rebouças em São Paulo (SP).

Organização: Grupo Técnico Interprofissional (GTI), constituído pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo

Evento: Fóruns de Atualidade em Fonoaudiologia

Confira a agenda dos fóruns a realizar-se pelo Conselho Regional de Fonoaudiologia 3ª Região para os próximos meses

Site: <http://www.fonoaudiologia.org.br/cffa/index.php/2017/07/eventos-crefono-03/>

da Fundação Otorri-

ções Frei Caneca,

Otorrinolaringologia

mais informações:

[congresso2017/](http://www.fundacaootorrinolaringologia.org.br/congresso2017/)

**Evento: Congresso INCA 80 Anos
Tema: Desafios e Perspectivas para o Controle do Câncer no Século XXI**

Data: 29 e 30 de setembro

Local: Hotel Othon Palace, Copacabana, Rio de Janeiro

Site: <http://www.interevent.com.br/evento/inca2017>



TODA UMA VIDA CUIDANDO DE VIDAS

Dermatoglifia: Medidores nas pontas dos dedos



Arquivo Cristiane Magacho

Rose Maria - repórter

A fonoaudióloga Cristiane Magacho Coelho (CRFa 1-9345) estuda a dermatoglifia desde 2013, quando ingressou no programa de Doutorado em Linguística da PUC-SP, sob orientação de Zuleica Camargo e co-orientação de José Fernandes Filho (Universidade Federal do Rio de Janeiro,

UFRJ). Seu interesse era estudar a voz de cantores líricos e de músicas populares, associada aos achados dermatoglíficos desses profissionais.

Mas o que o estudo científico da impressão digital, que é um marcador genético, pode ajudar a Fonoaudiologia no tratamento ou acompanhamento vocal? A fonoaudióloga especialista em

Voz pelo CFFa e mestre em Ciência da Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco explica que a dermatoglia pode determinar o potencial muscular do indivíduo (velocidade, resistência, força e coordenação). “Isso auxilia na prescrição de exercícios, por exemplo, ou participação no diagnóstico diferencial de alguma síndrome genética. Além de conhecer as qualidades potencializadas, o fonoaudiólogo pode aprimorar também o que não está potencializado”, explica Cristiane Magacho, precursora no cenário mundial a correlacionar a dermatoglia com a voz.

O termo deriva do latim, dermo, que significa “pele”; e do grego, glyphia, “gravar” – proposto por Cummins e Midlo (1942). Foi introduzido na 42ª Sessão Anual da Associação Americana de Anatomia, realizada em abril de 1926. Devido a sua relevância, recebeu a classificação de “método”, no ramo da Ciência Médica, e é reconhecido pela comunidade científica mundial. Apresenta aplicabilidade em diversas áreas, como a genética, a área médica, a área forense, a área do esporte e recentemente, na Fonoaudiologia.

Em 2016, Cristiane Magacho publicou um artigo científico intitulado “Distúrbios da Comunicação em Síndromes



A fonoaudióloga Cristiane Magacho Coelho (CRFa 1-9345) estuda a dermatoglia desde 2013

Genéticas: Um Estudo de Revisão sobre Possíveis Contribuições da Dermatoglia”, pela Revista Intercâmbio, e também um capítulo no e-book Fonética Clínica, organizado pela professora Zuleica Camargo, sob o título “Dermatoglia e Qualidade Vocal”, onde relata um caso de disfonia com prescrição de exercícios vocais, baseados nos dados dermatoglíficos avaliados. “É impressionante como esse exame, amplamente utilizado no Brasil e no exterior em diversas áreas, pode nos ajudar”, assegura a professora do curso de Fonoaudiologia da Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, há 15 anos.

O exame é realizado de forma manual, com o uso de almofada entintada,

Reprodução de
imagem de Estudo
da Dermatoglia
inédito na Fonoau-
diologia, publica-
do por Cristiane
Magacha



Arco - correlação com força muscular



Presilha – correlação com velocidade de contração muscular



Verticilo – correlação com resistência muscular e coordenação motora

sujando os dedos, ou de forma digital, por meio de scanner, conectado a um computador.

Rogério Nascimento de Almeida, 23 anos, estudante de Jornalismo, e atualmente trabalhando no Laboratório de Rádio da Unigranrio (Universidade do Grande Rio), Campus Duque de Caxias, não duvida. Como a maioria dos garotos nascidos no Brasil, Rogério também teve o sonho de um dia ser jogador de futebol profissional e, de

alguma forma, ajudar não só a si, mas também a seus familiares. Algumas intempéries da vida, porém, impediram que ele chegasse ao seu objetivo.

“Eu sempre tive o discernimento dos meus potenciais. No entanto, nunca nenhum profissional com quem trabalhei sabia de fato quais eram, muito

menos meus pontos fracos. Isso, de certa maneira, atrapalhou-me um pouco, pois eu não pude desenvolver um ponto no qual eu tinha deficiência e nem aprimorar o meu talento”, conta ele.

Anos depois, Rogério de Almeida decidiu cursar a graduação de Jornalismo. “Durante a minha caminhada no curso, senti a necessidade de consultar um profissional de Fonoaudiologia. Descobri a derma-



Conseguimos detectar meus pontos fortes e fracos, no tocante à voz.”

- Rogério N. de Almeida



Jacqueline Rezende, cantora lírica e professora de canto, estava com um pequeno nódulo na prega vocal e, por indicação de sua orientadora de canto, procurou ajuda fonoaudiológica

toglifia, fiquei curioso e decidi então fazer o exame. O resultado foi muito satisfatório, porque conseguimos detectar meus pontos fortes e fracos, no tocante à voz. No meu caso, por exemplo, descobri que minhas principais virtudes são velocidade e resistência, o que facilitaria meu trabalho, caso eu decidisse trilhar os caminhos de um narrador de futebol, uma área na qual nunca pensei em atuar”, confessa Rogério.

Jacqueline Rezende, cantora lírica e professora de canto, estava com um pequeno nódulo na prega vocal e, por indicação de sua orientadora de canto, procurou ajuda fonoaudiológica. “Fiz uma avaliação dermatoglífica e, por causa do exame, pude descobrir minhas maiores habilidades musculares

para o exercício do canto e, também, minhas maiores debilidades. Com isso, os exercícios propostos atacaram diretamente nas minhas necessidades mais urgentes, gerando uma melhora rápida e significativa. Estou na metade do tratamento e já sinto grande diferença na minha voz. Além disso, assim que eu receber alta do tratamento, poderei focar minha energia profissional nas minhas maiores habilidades como cantora”, comemora.

Rosana Wandeck Rossler, estudante de Nutrição, também se submeteu ao exame para identificar suas habilidades vocais, já que canta em dois corais. “O exame me proporcionou um conhecimento sobre as características da minha voz que eu desconhecía. Estamos trabalhando com as conclusões que o exame nos deu e estou realizando, com a ajuda da minha fonoaudióloga, um trabalho de resistência e velocidade que me ajudará numa maior extensão vocal e na melhor utilização de minha voz. A dermatoglifia está ajudando a me desenvolver melhor e a impostar minha voz adequadamente, para que eu não a force e tenha uma qualidade e amplitude vocal adequadas. Acredito que com esse método eu pude identificar minhas potencialidades e melhorar minha qualidade vocal”, reconheceu Rosana.” ■

Fonoaudiologia assistida por cães estimula mente, corpo e emoções

Thaiane Firmino - repórter

Que os cães são capazes de desconstruir o ambiente, não é novidade. Mas, além de serem considerados amigos, eles também podem ser facilitadores na terapia fonoaudiológica. Através da cinoterapia - terapia realizada com o auxílio de cães -, o fonoaudiólogo pode estabelecer vínculos e novas estratégias para promover o potencial do paciente. O tratamento é reali-



Desde o início, Arthur Gadelha demonstrou simpatia em realizar atividades com cães.

zado de forma interdisciplinar e pode ser indicado por profissionais da saúde e da educação, ou ser uma escolha do paciente. O formato tem vertente inclusiva e se adequa às demandas do Transtorno do Espectro Autista (TEA), Síndrome de Down, Tetra e Paraplegia e dificuldades na linguagem.

Devido à percepção aguçada quanto às emoções humanas, os cães podem promover conforto ao paciente, criar vínculo afetivo e aproximação gradual - o que facilita a comunicação durante as sessões. Para isso, profissionais de fonoaudiologia, psicologia, enfermagem e veterinária trabalham em conjunto para garantir que os resultados sejam satisfatórios. Em todas as etapas do tratamento terapêutico o cão é parte integrante e, por isso, há necessidade de que o animal tenha temperamento adequado e passe por adestramento e treinamento específico. *Golden Retriever*, Labrador, *Australian Shepeder* e Pastor Suíço são as raças mais utilizadas.

Segundo a fonoaudióloga Nívea Rodrigues (CRFa 8-5614), que atua com cino terapia no Instituto Cão Vida Lui, em Fortaleza (CE), e atende pacientes com dificuldades no desenvolvimento da linguagem e da comunicação, a terapia assistida por cães é um estímulo mental, físico e emocional. “Trabalhamos muito com o lúdico, o que contribui



Com a presença do cão, Luis Gustavo se sente estimulado a cantar.

com a diminuição do stress e melhora a socialização e a comunicação. Muito mais do que trabalharmos as dificuldades, desenvolvemos as potencialidades do paciente”, disse. Com duração de 30 a 40 minutos, o atendimento acontece em campo aberto, preparado com rampa, túnel, gangorra e pista, além de materiais como bola, bambolês, obstáculos e espaço para contação de histórias. “Todo o atendimento é acompanhado por equipe interdisciplinar e por familiares. Em alguns casos, o atendimento pode acontecer em local menor, de

acordo com a demanda”, explicou.

Diagnosticado com TEA ao completar um ano, Arthur Gadelha iniciou a terapia assistida por cães imediatamente. Apesar de apresentar linguagem verbal restrita e pouca interação, ele demonstrou simpatia em realizar atividades com cães. O animal - associado ao bambolê, músicas e variedade de movimentos -, contribuiu para que as habilidades motoras do garoto fossem desenvolvidas. “Ele começou a nomear o cão, chamando-o e fazendo atividades de comando para o mesmo”, contou a fonoaudióloga Nívea Rodrigues, ao relembrar os primeiros passos de Arthur ao longo dos dez meses de acompanhamento no Instituto. Para a mãe da criança, Cyntia Gadelha, a cinoterapia surgiu como uma importante estratégia. “Meu filho não atendia aos comandos e era muito pequeno para que ficássemos chamando a atenção dele o tempo todo. Desde o primeiro dia de atendimento ele quis brincar com os cães e se adaptou rapidamente a toda a equipe de profissionais. Minha família é apaixonada pelo projeto, sobretudo por percebermos que o Instituto não trabalha apenas em cima de um laudo, mas do que a criança realmente necessita”, contou.

Para Elisandra do Vale, mãe do Luis



Fonoaudióloga Nívea Rodrigues atua com cinoterapia no Instituto Cão Vida Lui, em Fortaleza (CE).

Gustavo do Vale, de três anos, a cinoterapia não foi indicação clínica, mas de familiares que perceberam no método uma alternativa para melhoria da qualidade de vida da criança, também diagnosticada com TEA. “Existem muitas diferenças entre a terapia tradicional e a cinoterapia, mas a principal é a maneira espontânea que a terapia com cães acontece. É claro que é notório o planejamento e o direcionamento por parte dos terapeutas, assim como nas terapias convencionais, só que com os cães há uma flexibilização maior. Perce-

bemos que as atitudes inesperadas do cão e as reações do nosso filho aos estímulos influenciam diretamente no andamento do processo”, destacou. Apesar de pouca verbalização, com a presença do cão, Luis Gustavo se sente estimulado a cantar, enquanto anda ou corre. “Foi aí que conseguimos ganhos significativos. Associamos as músicas que ele gosta aos comandos dados ao cão. Com o andamento das sessões, ele passou a se concentrar mais nas atividades e a verbalizar o que quer, sempre com um sorriso no rosto”, contou entusiasmada a fonoaudióloga Nívea Rodrigues.

A evolução no quadro dos pacientes é percebida através da alegria demonstrada ao chegar para a sessão, e também na conquista de novos repertórios de fala e movimento. “O Instituto Cão Vida Luí procura focar no desenvolvimento das potencialidades do paciente como um todo e, no dia a dia, pude perceber que isso só é possível com profissionais de áreas diferentes, cooperando e se dedicando ao tratamento de cada paciente como um indivíduo de personalidade, dificuldades e vivências únicas”, disse a estudante de medicina veterinária e estagiária do Instituto,



Devido à percepção aguçada quanto às emoções humanas, os cães podem promover conforto ao paciente.

Mariana Braz. Para o psicólogo educacional e coordenador de atividades do Instituto, Hugo Victor do Vale, a identificação com a equipe e com o cão de atendimento também é resultado de avanços na terapia. “Trabalhar com a cinoterapia foi uma grata surpresa para mim, tanto no âmbito pessoal quanto profissional. Agregou muito à minha práxis, sobretudo na atuação em interdisciplinaridade. Onde eu me limito na minha área, outro profissional chega e soma, o que enriquece o trabalho. Percebo, por exemplo, que desenvolvimento de linguagem sem fonoaudiólogo é incompletude e inconsistência de atendimento”, afirmou. O Instituto completou cinco anos e já se tornou referência na capital cearense. ■

Maranhão: cirurgia de prótese realizada pela primeira vez

Paciente teve alta no dia seguinte ao procedimento

Thaiane Firmino - repórter

A primeira cirurgia de colocação de prótese auditiva implantável, realizada no estado do Maranhão, foi indicada a reabilitação da audição de paciente adulto e com surdez em um dos ouvidos. Realizada no Hospital São Domingos, na capital maranhense, o procedimento contou com uma equipe formada por médicos, enfermeira e fonoaudióloga, e teve duração de 40 minutos. O Sistema Bone Anchored Hearing (BAHA) - espécie de aparelho auditivo que é fixado ao osso atrás do ouvido -, foi implantado com sucesso e ativado 60 dias após a realização da intervenção.

Apontado para reabilitar pacientes diagnosticados com perda de audição em um dos ouvidos, bloqueio ou redução da capacidade de envio de sons para o ouvido interno e, em alguns casos, também para o cérebro, a prótese auditiva ancorada ao osso utiliza a habilidade natural do corpo para conduzir o som. “A colocação do Sistema BAHA não é tecnicamente difícil. Pode ser realizada com anestesia local ou anestesia geral, a depender do conforto e ansiedade do paciente”, explicou a médica otorrinolaringologista, Aline Bittencourt, responsável pela realização da cirurgia em São



O procedimento contou com equipe formada

e auditiva ancorada ao osso é primeira vez no estado

o e em 10 dias os pontos cirúrgicos foram removidos.



a por médicos, enfermeira e fonoaudióloga

Luís (MA).

Segundo Bittencourt, que escolheu a capital maranhense para desempenhar sua profissão em virtude da grande demanda apresentada pelo estado em relação à cirurgia de ouvido, o Maranhão atende todos os requisitos para a realização de procedimentos de alta complexidade em otologia - ramo da medicina que estuda a estrutura, funcionamento e alterações da orelha. “Além da residência médica em otorrinolaringologia, realizei *fellowship* (especialização após ter concluído a residência médica) em cirurgia otológica avançada e de base lateral do crânio. Participei de vários treinamentos na área de próteses auditivas implantáveis no Brasil, e fui colaboradora em outros, no exterior. Foi um longo caminho. Então, ser pioneira nesse tipo de implante por aqui e ver os resultados positivos, é fantástico”, apontou.

Ao contrário dos aparelhos auditivos comuns - que exigem o funcionamento da porção interna do tímpano -, na prótese auditiva implantável o som é enviado ao redor da área danificada, o que estimula naturalmente a parte auditiva do ouvido interno. A cirurgia é necessária para possibilitar que o implante de

titânio seja colocado atrás do ouvido e, a partir daí, ocorra a união entre o osso e a superfície do material. “Existem perdas auditivas em que o paciente não se beneficia com as próteses convencionais, gerando dificuldades na vida social. Diversos estados estão atentos a essa realidade, que já é considerada um problema de saúde pública”, destacou a fonoaudióloga Érica Caldas (CRFa 8-8487).

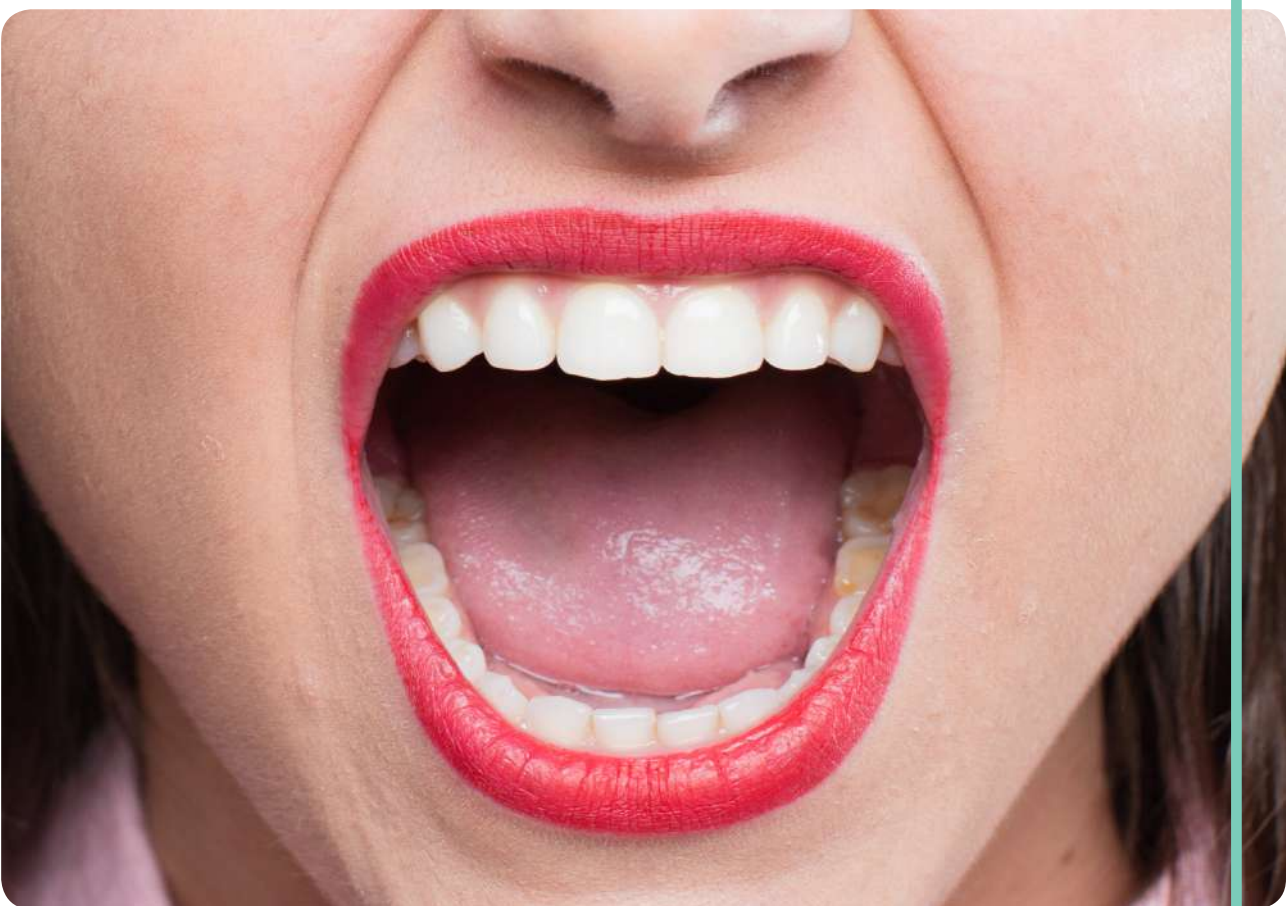
Após participar de treinamentos em centros com experiência nesse tipo de cirurgia, Caldas realizou atendimento, mapeamento, ajustes e testes para preparar o paciente para a realização do procedimento. O sistema que seria implantado foi conectado a uma tiara para propiciar a experimentação da sensação do som de diferentes ambientes, o que facilitou a decisão pela cirurgia. Apesar da ansiedade decorrente de dificuldades burocráticas junto ao plano de saúde, o primeiro paciente a receber a prótese em terras maranhenses, Marcelo Luiz Menezes da Silva (40), reconhece que desde o momento em que foi cogitada a possibilidade de realização da cirurgia, o apoio da profissional foi fundamental. Para ele, diálogos, testes e exames foram etapas que despertaram esperança. “A fonoaudióloga Érica acompanhou o processo de teste e me estimulou a não desistir. Ela apresentou as diversas vantagens do método e me fez refletir o quanto minha qualidade de vida seria melhorada”, disse.

Mesmo após a realização da cirurgia,

a fonoaudióloga continua o acompanhamento através de monitoramentos e exames. “Participar da cirurgia trouxe prazer e entusiasmo. Prazer por sentir que a área da audiologia (ramo da fonoaudiologia que estuda a audição e os sons) está crescendo no estado e proporcionando à população atendimentos importantes que, anteriormente, eram disponibilizados em outras regiões. E entusiasmo para continuar buscando novos conhecimentos, não só teóricos, mas também práticos, para ampliar nossa atuação”, destacou. Após a operação, sem queixas de dor ou desconforto, Marcelo Menezes da Silva comemora o resultado da cirurgia. “Hoje, posso interagir com minha família, amigos, trabalhar de forma mais tranquila, sem constrangimento e com mais confiança. Minha autoestima aumentou, o humor melhorou e agora me permito integrar novos ambientes e aproveitar novas oportunidades de inserção no mercado de trabalho. Só tenho a agradecer a Deus e toda a equipe”, disse o administrador de empresas.

O número de cirurgias dessa natureza tende a aumentar no Maranhão devido a considerável demanda, inclusive por parte de pacientes que se deslocam em busca de atendimento em outros estados. O Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão (HUUFMA) já está em fase de credenciamento para realização desse tipo de procedimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS). ■

Fonoaudiologia estética aliada à qualidade de vida



Método não invasivo foi criado por brasileira e promove o rejuvenescimento

Thaiane Firmino - repórter

Enfrenta problemas como respiração errada, alterações na mastigação e mal-estar ao engolir? Já pensou em organizar a musculatura facial para melhorar a estética do rosto? Através de relaxamentos musculares, exercícios e orientações, a fonoaudiologia estética promove bem-estar e contribui com a manutenção da beleza. Baseada na motricidade orofacial - especialidade da fonoaudiologia que lida com a prevenção e remediação de dificuldades funcionais ligadas à face -, é indicada em casos de tensões musculares, antes e depois de procedimentos cirúrgicos, e também para homens e mulheres que desejam retardar o aparecimento dos sinais de envelhecimento. Na capital piauiense a procura por esse tipo de tratamento registrou aumento nos últimos anos, principalmente por promover resultados sem interferências cirúrgicas.

A repetição de movimentos e as expressões faciais que são feitas diariamente podem gerar rugas no rosto. Mastigar dos dois lados da boca, evitar fazer biquinho para fotos, sorrir de forma discreta e, quando estiver digitando, sentar em posição de



Fonoaudióloga Marina Peressin, que atua com o Método MZ há sete anos no Piauí (PI).

90 graus em relação ao celular ou ao computador, são mudanças de hábitos que previnem rugas. No entanto, em casos onde essas dicas não foram observadas, a intervenção fonoaudiológica pode devolver autoestima e qualidade de vida ao paciente. Através do Método Magda Zorzella (Método MZ) - criado pela fonoaudióloga que dá nome ao procedimento -, o avanço das rugas e a flacidez do ros-

to podem ser suavizados. Por ser um procedimento que dispensa cirurgia, tem chamado atenção de profissionais de outros países, que se deslocam até o Brasil para participar de cursos com Zorzella.

Segundo a fonoaudióloga Marina Peressin (CRFa 8-9034), que atua com o Método MZ há sete anos em Teresina (PI), a procura pelo tratamento no estado apresenta aumento a cada dia. “O crescimento do número de pessoas que buscam o rejuvenescimento não invasivo foi algo que me despertou para atuar com fonoaudiologia estética. O tratamento pode ser feito a partir dos 24 e até aos 75 anos. O procedimento é iniciado com sessões de avaliação, orientações e exame do sistema estomatognático (estruturas da boca). Na sequência, são realizadas de oito a dez sessões de terapia semanalmente, e mais duas quinzenais. Os retornos ao consultório ocorrem a cada três meses, para acompanhamento”, explicou. Peressin destaca ainda que, em casos de queimaduras na face, ou nos primeiros dias após a realização de intervenções cirúrgicas estéticas, a aplicação do Método MZ não é recomendada.

Para a engenheira agrônoma aposentada, Maria Helena Paz (59), a insatisfação com marcas de expressão, sobretudo ao redor da boca, e a sensação de face cansada, foram fatores que a levou a buscar a fonoaudióloga Peressin. “A partir da quinta semana os efeitos positivos já se fizeram presentes. Ao término, na décima semana, os meus objetivos foram atingidos. O tratamento auxiliou, paralelamente, na forma correta de dormir, de mastigar e até de ingerir líquidos”, contou entusiasmada. Atraída pelo fato de obter os resultados desejados sem ter que enfrentar os bisturis, Cândida Maria da Paz Melo (54) também buscou o consultório para conhecer o Método MZ. Cautelosa, a enfermeira decidiu pesquisar sobre o procedimento antes de iniciar o tratamento. “Algumas rugas de expressão me incomodavam. Após o tratamento reconheço que minha autoestima melhorou. Percebo que evolui não apenas esteticamente, mas respiro melhor, por exemplo”, afirmou. Além do fonoaudiólogo, médicos e nutricionista, podem indicar o tratamento. ■



SISTEMA DE CONSELHOS DE FONOAUDIOLOGIA

CFFa – 12º COLEGIADO

Gestão Abril 2016 a Abril 2019

Presidente: Thelma Regina da Silva Costa – CRFa 2-4211

Vice-Presidente: Marlene Canarim Danesi – CRFa 7-0439

Diretora-Secretária: Márcia Regina Teles – CRFa 2-3957

Diretora-Tesoureira: Sílvia Maria Ramos – CRFa 5-121

Assessora da Comissão de Divulgação: Suzana Campos

Jornalista Responsável – MTB 4390527

Crefono 1

Presidente: Lucia Provenzano – CRFa 1-1700

Vice-Presidente: Lígia Ribeiro – CRFa 1-11220

Diretora-Secretária: Kátia Santana – CRFa 1-5399

Diretora-Tesoureira: Vanessa Jurelevicius – CRFa 1-11196

Crefono 2

Presidente: Márcia Cristiane de F. M. Civitella – CRFa 2-4619

Vice-Presidente: Vera Regina Vitagliano Teixeira – CRFa 2-1458

Diretora-Secretária: Heloisa de Oliveira Macedo – CRFa 2-4524

Diretora-Tesoureira: Ana Leia Safro Berenstein – CRFa 2-3979

Crefono 3

Presidente: Francisco Pletsch – CRFa 3-4764

Vice-Presidente: Josiane Borges – CRFa 3-5984

Diretora-Secretária: Jozélia Duarte B. de Paula Ribas – CRFa 3-2831

Diretora-Tesoureira: Solange Coletti Schnekenberg – CRFa 3-4081

Crefono 4

Presidente: Juliana de Arruda Fraga – CRFa 4-7880

Vice-Presidente: Sílvia Damasceno Benevides – CRFa 4-5719

Diretora-Tesoureira: Bianca Arruda

Manchester de Queiroga – CRFa 4-5115

Diretora-Secretária: Jônia Alves Lucena CRFa – 4-5048

Crefono 5

Presidente: Christiane Camargo Tanigute -CRFa 5 - 0323
Vice – Presidente: Danilo Alves Mantovani - CRFa 5 - 15230 - 2
Diretora Secretária : Neyla Arroyo Lara Mourão - CRFa 5 – 020
Diretora Tesoureira: Eliana Souza da Costa Marques -CRFa 5 - 0453

Crefono 6

Presidente: Gabriela Cintra Januário - CRFa 6 - 3314
Vice-presidente: Lucila de França M. Oliveira - CRFa 6 - 1436
Diretor Secretário: Tiago Costa Pereira - CRFa 6 - 7101
Diretor Tesoureiro: Daniel Andrade Galvão - CRFa 6 - 5401

Crefono 7

Presidente: Luciana Kael de Sá – CRFa 7-6174
Vice-Presidente: Lea Travi Lamonato – CRFa 7-9087
Diretora-Tesoureira: Daniela Zimmer – CRFa 7-10869-2
Diretora-Secretária: Simone Lorelei Meneghetti – CRFa 7-6536

Crefono 8

Presidente: Charleston Teixeira Palmeira – CRFa 8-4367
Vice-Presidente: Kenia Andrade do Nascimento Gondin Lemos CRFa 8-8581
Diretora-Tesoureira: Lia Maria Brasil de Souza Barroso – CRFa 8-5676
Diretora-Secretária: Fernanda Mônica de Oliveira Sampaio – CRFa 8-4678

CONSELHO EDITORIAL

CFFa

Suzana Campos – Jornalista
Sílvia Ramos – Conselheira
Marlene Danesi – Conselheira
Mônica Petit – Conselheira
Mônica Karl – Conselheira
Thais Moura Abreu e Silva - Conselheira

Crefono 1

Rose Maria – Jornalista
Lígia Ribeiro – Conselheira
Crefono 2

Márcia Gama – Conselheira
Crefono 3

Emerson Mizga – Jornalista
Simone Ferreira dos Santos – Conselheira
Crefono 4

Maurício Júnior – Jornalista
Jônia Lucena – Conselheira

Crefono 5

Danilo Mantovani – Conselheiro

Crefono 6

Isadora Dantas – Jornalista

Danielle Dias – Conselheira

Crefono 7

Cibele Avendano – Jornalista

Luciana Kael de Sá – Conselheira

Crefono 8

Thaiane Firmino – Jornalista

Charleston Teixeira Palmeira – Conselheiro

REVISTA COMUNICAR PRODUÇÃO EDITORIAL

Projeto Gráfico - IComunicação

Diagramação - Suzana Campos



PARA ANUNCIAR

Tel. (61) 3322-3332

e-mail: fono@fonoaudiologia.org.br

Como entrar em contato com a Revista Comunicar:

SRTVS Qd. 701, Ed. Palácio do Rádio II – Bl. E,

Salas 624/630 – Tel.: (0 ** 61) 3322-3332

3321-5081/3321-7258 – Fax: (0 ** 61) 3321-3946

e-mail: imprensa@fonoaudiologia.org.br

site: www.fonoaudiologia.org.br